



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
BACHARELADO EM JORNALISMO

RELATÓRIO

BEATRIZ BORGES AZEVÊDO DE ALCÂNTARA

Reportagem: “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”

João Pessoa

2021

RELATÓRIO

BEATRIZ BORGES AZEVÊDO DE ALCÂNTARA

Reportagem: “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

João Pessoa

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A347r Alcântara, Beatriz Borges Azevêdo de.

Reportagem: "Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB" / Beatriz Borges Azevêdo de Alcântara. - João Pessoa, 2021.

59 f. : il.

Orientação: Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Covid-19 - Enfrentamento - Mituaçu - Conde, PB. 3. Mulheres negras - Enfrentamento - Covid 19. 4. Jornalismo de proximidade. 5. Reportagem longform. I. Carvalho, Zulmira Nóbrega Piva de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070 (043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): BEATRIZ BORGES AZEVÊDO DE ALCÂNTARA

Título do trabalho: Reportagem: "Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB

Aprovado em 14 de julho de 2021, com média 10,0 (dez).

BANCA EXAMINADORA

Professor(a) orientador(a): Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho
Universidade Federal da Paraíba - Departamento de Jornalismo

Professor(a) examinador(a): Patrícia Monteiro Cruz Mendes
Universidade Federal da Paraíba - Departamento de Jornalismo

Professor(a) examinador(a): Paula de Souza Paes
UEPG - Examinador Externo à Instituição

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los.” – **Harry Potter e as Relíquias da Morte**

Dedico ao meu Sol e minha Lua por seguirem
iluminando até mesmo meus dias mais escuros
na caminhada até aqui. E além.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ser minha maior força e amparo ao longo, não somente do curso, mas em toda a vida.

Agradeço imensamente aos meus pais, Marta e Marcos, por sempre me apoiarem e por terem batalhado até aqui para me possibilitar uma educação de qualidade e a chance de poder abraçar todas as oportunidades em direção aos meus sonhos. Nada disso seria possível sem eles e tudo que fizeram (e que são).

Agradeço aos meus avós paternos, Ivanete e Adirson, pelo cuidado e carinho que me acalentou durante os altos e baixos da graduação. E estendo o agradecimento também aos meus avós maternos, Maria José e Severino, que, infelizmente, não puderam estar presentes de forma física para vivenciarem esse momento comigo, mas confio que seguem ao meu lado e foram fundamentais na minha caminhada até aqui e em parte do que sou hoje. Sei que estarão sempre a me iluminar, meu Sol e minha Lua.

Agradeço aos amigos que a Universidade me presenteou, que me ajudaram a suportar os dias que pareciam insuportáveis e dividiram as dores e as delícias dessa trajetória. Em especial, as amigas que se tornaram irmãs: Kássia, Indy e Glaucy (principalmente, que passou comigo os perrengues, as alegrias e me ouviu ao longo desse processo).

Também presentes vindos da UFPB em momentos diferentes, deixo aqui meu agradecimento a Adan, Matheus Couto e Micael (que junto com Kássia formam meu ‘clubinho’), que estiveram ao meu lado durante a construção deste trabalho de conclusão, cada um à sua maneira. Nossos encontros e trocas virtuais foram (e são) essenciais.

Meu muito obrigada também aos meus primos por serem alívio nos momentos estressantes. E, ainda na família, obrigada aos meus tios que acreditaram no meu sonho, principalmente Cislane e Silvio, que também foram de suma importância para que o caminho até aqui se tornasse mais leve.

Agradeço às minhas amigas Bianca, Renata, Ana Paula, Júlia, Gabrielle, Ellen, Débora, Rita e Úrsula por se disporem sempre a ler meus escritos, opinar e por me incentivarem nesta jornada. E incluo aqui também todos os outros amigos que sempre me dão suporte e palavras de afeto, como Leonardo, Thaynná, Danrley, Rafaelly e outros que seguem junto a mim, mesmo não morando mais na mesma cidade.

Agradeço à minha psi, Bruna Falcão, por ser parte fundamental do meu desenvolvimento e por me auxiliar no final dessa caminhada.

Agradeço à equipe da redação do Jornal A União, a minha escola de reportagem na prática, desde Felipe Gesteira, o primeiro a acreditar em mim enquanto repórter, até André Cananéa, que segue depositando essa confiança e me possibilitando crescer enquanto profissional nesse lugar que desde sempre me acolheu. Obrigada também a Nara, Teresa, Renata, Rogéria, Clóvis, Demócrito, Thaís, Jorge, Iluska, Juliana, Carol, Ana Flávia, Nilber e tantos outros que compartilhei e compartilho o cotidiano da produção jornalística.

Agradeço à professora Paula Paes pela troca durante a disciplina de Webjornalismo, possibilitando o exercício da criatividade e do jornalismo mais humano.

Por fim, mas não menos importante, agradeço às três professoras que fizeram desse trabalho – e da minha caminhada na UFPB, de forma geral – possível: Zulmira Nóbrega, minha orientadora e luz nesse processo; Marluce Pereira, que sonhou esse trabalho junto comigo antes mesmo dele ser idealizado; e Patrícia Monteiro, minha “mãetora”, responsável por parte da minha paixão pelo Jornalismo, e minha dose de cuidado e “lar longe de casa” dentro e fora da Universidade.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é traçar os caminhos de pesquisa e execução que envolveram o processo de desenvolvimento da reportagem intitulada de “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”, que pretendeu apresentar as histórias e vivências de três mulheres quilombolas que trabalham na área da saúde e estão, desde março de 2020, no enfrentamento da covid-19 na comunidade quilombola de Mituaçu, no município do Conde, na Paraíba. O material foi desenvolvido a partir de conceitos como Jornalismo Longform, Jornalismo de Proximidade e distribuída através do Webjornalismo que estão detalhados no presente relatório, inspirado em teóricos de suas respectivas áreas, como Eliane Brum (2017), Cremilda Medina (2003), Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986). Além disso, a pesquisa também aplica a contextualização histórica acerca dos quilombos e o detalhamento cronológico da pandemia causada pelo novo coronavírus até o dia 16 de junho de 2021. Os procedimentos metodológicos detalham a construção da reportagem desde a elaboração da pauta até a distribuição na internet, através da plataforma Tumblr. No complemento da discussão, há um comparativo da linha de frente da vida real com a linha de frente da ficção a partir do apresentado pela série estadunidense *Grey's Anatomy* e as questões de raça pautadas pela *showrunner* Shonda Rhimes (2016).

Palavras-chave: Jornalismo de proximidade; Reportagem Longform; Covid-19; Mulheres negras; Mituaçu/Conde.

ABSTRACT

The objective of this work is to trace the paths of research and execution that involved the development process of the report entitled “Women act on the frontline against covid-19 in the quilombola community Mituaçu, in Conde-PB”, which intended to present the stories and experiences of three quilombola women who work in the health area and are, since March 2020, in the confrontation of covid-19 in the quilombola community of Mituaçu, in the municipality of Conde, in Paraíba. The material was developed from concepts such as Longform Journalism, Proximity Journalism and distributed through Webjournalism that are detailed in this report, inspired by theorists in their respective areas, such as Eliane Brum (2017), Cremilda Medina (2003), Muniz Sodré and Maria Helena Ferrari (1986). In addition, the research also applies the historical contextualization about the quilombos and the chronological detailing of the pandemic caused by the new coronavirus until June 16, 2021. The methodological procedures detail the construction of the report from the elaboration of the agenda to the distribution on the internet, through the Tumblr platform. In the complement of the discussion, there is a comparison of the real-life frontline with the fictional frontline as presented by the US series Grey's Anatomy and the issues of race addressed by showrunner Shonda Rhimes (2016).

Keywords: Proximity journalism; Longform reporting; Covid-19; Black women; Mituaçu/Conde.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A LINHA DE FRENTE DA VIDA REAL	15
2.1 REPORTAGEM: o REPÓRTER e o personAGEM	15
2.1.1 A reportagem como força motriz do Jornalismo	16
2.1.2 Ressignificando o Jornalismo de Proximidade	20
2.1.3 Reportagens em longform e o Jornalismo no digital	22
2.2 QUILOMBOS	25
2.2.1 A comunidade quilombola de Mituaçu e suas mulheres quilombolas	27
2.3 A COVID-19 E A PANDEMIA	30
2.3.1 Linha de frente: a arte imita a vida	35
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	39
3.2 PRODUÇÃO	40
3.3 PÓS-PRODUÇÃO	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – A pauta da reportagem	50
APÊNDICE B – A reportagem	51
DECLARAÇÃO DE AUTORIA	59

1 INTRODUÇÃO

Do dia para a noite, o mundo se viu diante de uma ameaça invisível que expôs a vulnerabilidade do ser humano e pôs em xeque a seriedade dos governantes em prol de planejar e agir de maneira rápida e eficaz para proteger a população do caos que se instalava. Os profissionais da saúde nunca foram tão requisitados e necessários. A comunicação se apresentou como fundamental para controlar o medo e desmistificar, aos poucos, o grande mistério que era a covid-19.¹ O acolhimento e a coletividade eram os únicos “remédios” conhecidos e a empatia, a única arma à disposição naquele momento inicial.

De forma introdutória, sinalizo que o primeiro caso da doença no Brasil foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, após o Carnaval, e em 11 de março do mesmo ano a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de pandemia em relação ao novo coronavírus, no momento em que o mundo ultrapassava os 120 mil infectados e as 4.300 mortes. O primeiro caso da covid-19 na Paraíba foi registrado no dia 18 de março de 2020. Apesar disso, o estado havia se antecipado nas medidas preventivas contra o novo coronavírus, emitindo o primeiro decreto relacionado à pandemia ainda no dia 13 de março. O documento assinado pelo governador João Azevêdo decretava estado de calamidade pública na Paraíba; medida que possibilitou a tomada de decisões com relação aos cuidados com a doença mais rápida e efetiva.

Imagine, nesse cenário, uma comunidade contando, principalmente, com a própria força. Uma equipe de profissionais que compreende as necessidades e as especificidades desse povo e se põe, no exercício da profissão e sob o juramento feito no momento em que escolheram seguir o caminho que seguiram, na linha de frente de combate da doença causada pelo novo coronavírus. O povo pelo povo – com o suporte dado pelos governos municipais e estaduais.

Os quilombos são reconhecidos como territórios de resistência da população negra ainda no período escravista do Brasil. Após o processo de abolição da escravatura, momento em que os ex-escravizados foram marginalizados pela sociedade brasileira, os espaços periféricos e os antigos quilombos se tornaram refúgios. Atualmente, esses territórios são considerados áreas remanescentes quilombolas. A comunidade quilombola de Mituaçu se

¹ Doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, descoberta em dezembro de 2019, com o caso zero registrado na cidade de Wuhan, na China.

localiza no município do Conde, na Região Metropolitana de João Pessoa, no Estado da Paraíba. Em agosto de 2005, a comunidade foi reconhecida pela Fundação Palmares através das Certidões Expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs). Dados de maio de 2020 da Comissão Pró-Índio de São Paulo demonstram que existem cerca de 400 famílias residindo na comunidade, o que totaliza uma média de mil pessoas vivendo nas proximidades do rio Gramame e Jacoca.² Até o dia 16 de junho de 2021, o município do Conde somava 2.321 casos confirmados de covid-19 e 40 óbitos pela doença.³

Ainda em 2020 tiveram início as primeiras pesquisas a fim de desenvolver uma vacina eficaz na imunização contra o novo coronavírus. Após quase um ano de pandemia, em 17 de janeiro de 2021, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o uso emergencial da CoronaVac – vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan, em São Paulo, com insumos vindos do laboratório chinês Sinovac – e da vacina de Oxford – desenvolvida pela farmacêutica AstraZeneca e, no Brasil, pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). No dia seguinte, 19 de janeiro, a primeira paraibana recebeu a primeira dose do imunizante e foi aberta a vacinação no estado. O processo de vacinação tem sido lento em todo o Brasil, mas a Paraíba tem estado à frente das estatísticas, sendo considerado o segundo estado do Brasil com mais pessoas vacinadas e o primeiro do Norte e Nordeste.⁴

Enquanto jornalista, percebo o exercício da profissão como uma oportunidade de não só contar histórias, mas ressaltar o poder transformador que as boas histórias reais possuem. Uma vez o teólogo, filósofo e médico alemão Albert Schweitzer disse que dar exemplos não é tão somente a melhor maneira de influenciar os outros, como a única. Apesar de não ter a intenção de influenciar, me apego no ensejo de contagiar. Enquanto mulher negra, enxergo a oportunidade de dar visibilidade a um grupo de pessoas em que me identifico ao mesmo tempo em que reconheço a invisibilização que lhes ocorre no contexto social do país e do mundo. Mais do que isso, vejo na escolha da pauta a necessidade de potencializar a voz de quem por muitos anos foi silenciado – ou melhor, silenciadas, no caso das mulheres negras.

A reportagem é, portanto, a ferramenta jornalística que entendo se adequar melhor aos meus propósitos. Conhecer uma história e poder contá-la ao mundo, com todas as suas particularidades através do Jornalismo, é uma das características mais apaixonantes, para

² Dados do Observatório de Antropologia da UFPB

³ A Secretaria Municipal de Saúde do Conde não disponibilizou a quantidade de casos e óbitos em Mituaçu.

⁴ Dados colhidos no dia 19 de maio de 2021 através das reportagens “Paraíba tem 2º maior índice de pessoas plenamente vacinadas” e “Testagem tem 15% de resultado positivo” na página 8 do Jornal A União.

mim, da profissão. O processo de apuração, entrevistas, a proximidade com a pauta, a escrita e a distribuição integram parte da essência do jornalista, do repórter. A inspiração para a escrita da reportagem em questão vem de diversos lugares, alguns deles de dentro para fora, transbordando de mim essa ânsia de falar sobre minhas identificações e reconhecimentos; e em outros vem de fora para dentro, na urgência de encontrar em outras paixões – as séries, como o caso de *This Is Us* e *Grey's Anatomy*, por exemplo – aquilo que me direciona na busca dos meus personagens da vida real. Na soma de todos esses fatores, nasce a “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”, meu lugar de escuta e aprendizados, servindo apenas de canal para contar a história de quem cuida, de quem se arrisca, de quem vive e se entrega ao que acredita, confiando na importância da coletividade e do bem maior da própria comunidade. Mulheres, seres plurais e individuais, que mesmo diante das incertezas, encontraram no âmago do próprio ser a força necessária para serem forças necessárias. Juntas.

Na tentativa de narrar a história desse mais de um ano de pandemia e os impactos da covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, pretendo dialogar com agentes comunitárias e a ex-chefe de Enfermagem do posto de saúde local para entender como aconteceu e está acontecendo a luta na linha de frente de combate à doença.

Escutar é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito. Escutar é compreender que o silêncio também fala – ou compreender que as pessoas continuam dizendo quando param de falar. (...) A reportagem sempre fica melhor quando somos surpreendidos, quando ouvimos algo que não planejávamos. É pela escuta que vem o novo. Escutar, portanto, é esperar o tempo de cada um – para falar e também para silenciar. (BRUM, 2017, p. 35)

A ideia de buscar um diálogo mais próximo e humano parte das observações feitas por Brum (2017) ao longo de suas reportagens para a revista *Época* nos anos 2000, registradas no livro *Olho da Rua*. Segundo a autora, é a realidade que vai ditar como será o desenrolar da reportagem e que compreender esse momento ideal, esperar o tempo do texto é o que diferencia ser um bom repórter ou não.

Objetivo com a reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB” trazer ao centro do debate quem são essas mulheres que estiveram (e estão) à frente no combate ao novo coronavírus na comunidade quilombola de Mituaçu (Conde-PB), contar suas respectivas histórias de vida e entender o porquê decidiram atuar na área da saúde. A partir do diálogo feito com elas, compreender suas raízes e suas escolhas, explicitando o material em uma reportagem construída através do

Jornalismo próximo, humano e mais pessoal. Junto a isso, o presente relatório pretende se aprofundar em mais detalhes dos caminhos que escolhi para desenvolver a reportagem, conceituando termos em sua fundamentação teórica como “Reportagem”, “Jornalismo de Proximidade”, “Jornalismo Longform” no primeiro capítulo; o desenvolvimento dos quilombos na história do Brasil e a comunidade de Mituaçu, no segundo capítulo; e a contextualização histórica da pandemia da covid-19 no terceiro capítulo, contrapondo a linha de frente da ficção com a linha de frente da vida real. Por fim, o relatório visa detalhar o processo metodológico de construção do material jornalístico, trazendo a pauta e algumas principais dificuldades na pré-produção; o desenvolvimento das entrevistas, os encontros e a escrita na produção; e apresenta a edição e a forma de distribuição da reportagem a partir da pós-produção.

2 A LINHA DE FRENTE DA VIDA REAL

Os subcapítulos a seguir pretendem detalhar mais a fundo conceitos relacionados à escolha da formatação e a tipologia da reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”. O primeiro tópico traz a definição etimológica do termo reportagem e é seguido da conceituação acerca da importância da reportagem para o Jornalismo, como forma de denúncia e transformação social; o Jornalismo de Proximidade ressignificado através da humanização do exercício da profissão; e o Jornalismo adaptado para a web a partir do longform, conceito utilizado para definir reportagens mais extensas e com profundidade.

No segundo tópico, a temática principal são os quilombos e as comunidades remanescentes de quilombolas, no qual a comunidade de Mituaçu se encaixa. As personagens principais da reportagem, as mulheres quilombolas de Mituaçu, também recebem o protagonismo no capítulo em questão. E, por fim, o último tópico pretende contextualizar historicamente a pandemia do novo coronavírus, traçando uma linha temporal desde a chegada da doença ao Brasil e à Paraíba até o mês de maio de 2021, data estipulada para o fim da coleta de dados atualizados sobre casos confirmados, óbitos e a campanha de imunização. Ainda no último capítulo, trago destaque para os profissionais que estão em linha de frente, tal qual as personagens da reportagem, em séries de ficção, mais precisamente *Grey's Anatomy*, e as agentes comunitárias de Mituaçu, que compõem a linha de frente na vida real.

2.1 REPORTAGEM: o REPÓRTER e o personAGEM

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra reportagem pode ser definida como “atividade jornalística que procura investigar mais profundamente uma informação ou assunto e transformá-los em matéria de noticiário”. O termo, na verdade, deriva do francês *reportage*. A palavra repórter tem a mesma língua materna, surgindo com o francês antigo *report*, e na era moderna conhecido como *rapporteur*, do verbo *reporter* que significa contar ou relatar. Em latim, a base para diversas línguas, incluindo o francês, o termo *reportare* significa: (re-) de volta + (-portare) levar ou portar. Logo, levar de volta, que pode ser subentendido no entendimento da função do repórter como aquele que leva notícias ou algum material de cunho jornalístico para um lugar central.

Inspirada pela jornalista Eliane Brum (2017), como explicarei mais a frente, penso que a etimologia da palavra reportagem merecia ser ressignificada à medida que o Jornalismo se

aproxima mais das vivências cotidianas e das experiências de vida das pessoas ao redor. De acordo com Brum (2017), a reportagem está estritamente ligada na relação construída pelo repórter e sua fonte da reportagem – que também chamamos de personagem. Separando a palavra reportagem, encontramos o prefixo report- e o sufixo -agem. A palavra reportagem poderia (e deveria) ser traduzida, literalmente, como esse elo e essa junção que acontece entre o REPÓRTER e o personAGEM.

2.1.1 A reportagem como força motriz do Jornalismo

A reportagem é o principal caminho que o Jornalismo tem para narrar o cotidiano, principalmente no momento em que este acontece, conforme destaca Medina (2003, p.92) ao dizer que “o jornalismo, na comunicação social, faz da narrativa da atualidade a sua matéria-prima”. Para o jornalista, a vida real é a pauta mais interessante, pois abarca toda a complexidade e a naturalidade do ser humano e quanto mais próximo o profissional chega da sua pauta, mais atento ele consegue ser – e assim observar e absorver. As amarras do Jornalismo convencional não cabem no Jornalismo humano, de proximidade, pois “para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção de notícia” (MEDINA, 2003, p.93).

A acta diurna, do período da Roma Antiga, é considerada a primeira publicação regular existente, com registros noticiosos, crônicas e informes do governo da época. Apesar de não existir em inscrições oficiais qual a primeira reportagem da História, é válido considerar que o gênero é intrínseco à profissão do Jornalista, tal qual as notícias, sendo a arte de contar histórias o seu motor principal. Nas primeiras páginas do livro Olho da Rua, da escritora Eliane Brum, o jornalista Caco Barcellos abre o prefácio citando como Brum (2017) enxerga a reportagem como um enlace potente entre aquele indivíduo que fala e aquele que escuta. A reportagem se apresenta, portanto, como o resultado da relação de confiança que se forma entre o (repórter) e o seu person(agem).

Através da troca existente na relação entre fonte e jornalista, as reportagens vão ganhando força de representação e diálogo para e com a sociedade, se portando, muitas vezes, como frente de resistência e oposição política. O compromisso com a objetividade, uma das premissas básicas do Jornalismo, foi fundamental para a transformação do mundo em diversos momentos da História da Atualidade, reiterando a responsabilidade social da profissão e consagrando a reportagem como ferramenta efetiva de mudança.

Exemplo de reportagem responsável por moldar um grande momento histórico é o Caso Watergate, nos Estados Unidos, na década de 1970. Na época, os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein descobriram que o presidente – e candidato à reeleição – Richard Nixon foi comandante de um assalto ao escritório do Partido Democrata, em 1972, como parte de um esquema de espionagem.

FBI finds Nixon Aides sabotaged Democrats – FBI agents have established that the Watergate bugging incident stemmed from a massive campaign of political spying and sabotage conducted on behalf of President Nixon's re-election and directed by officials of the White House and the Committee for the Re-election of the President. (BERNSTEIN, WOODWARD. Washington Post, 1959-1973, p. A1).⁵

A denúncia feita através do Jornalismo, a partir de informações privilegiadas do agente do FBI, W. Mark Felt para os repórteres do Washington Post de forma anônima, possibilitaram o início de uma discussão acerca das estruturas democráticas dos Estados Unidos; bem como transformaram o encantamento da opinião pública com relação ao governo estadunidense. A série de reportagens do caso Watergate foi um dos maiores marcos jornalísticos da História Moderna.

E de lá para cá, o Jornalismo e suas reportagens seguiram trazendo mudanças e levantando debates importantes em âmbitos distintos da sociedade. Recentemente, em 2019, os jornalistas Glenn Greenwald, Leandro Demori e outros que integravam a equipe do The Intercept Brasil, deram início a série de reportagens intitulada ‘Vaza Jato’ que também se consagrou como agente transformador do cenário político, social e econômico brasileiro. As reportagens apresentavam o vazamento de conversas entre representantes do poder judiciário do Brasil e autoridades políticas que manipularam as investigações da força-tarefa Lava Jato⁶ em benefícios próprios.

As reportagens de hoje mostram, entre outros elementos, que os procuradores da Lava Jato falavam abertamente sobre seu desejo de impedir a vitória eleitoral do PT e tomaram atitudes para atingir esse objetivo; e que o juiz Sergio Moro colaborou de forma secreta e antiética com os procuradores da operação para ajudar a montar a acusação contra Lula. Tudo isso apesar das sérias dúvidas internas sobre as provas

⁵<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/metro/pdf/101072.pdf>

Tradução: **FBI encontra assessores de Nixon sabotando democratas** – Os agentes do FBI estabeleceram que o incidente de escuta do Watergate resultou de uma campanha massiva de espionagem política e sabotagem conduzida em nome da reeleição do presidente Nixon e dirigida por funcionários da Casa Branca e do Comitê para a Reeleição do Presidente.

⁶A Operação Lava Jato teve início em 2014 e chegou ao fim em 2021. A força-tarefa foi responsável por investigar e prender diversos políticos e empresários envolvidos em esquemas de corrupção e irregularidades em estatais e grandes empresas. O juiz Sérgio Moro foi uma das figuras de maior destaque ao longo da operação.

que fundamentaram essas acusações e enquanto o juiz continuava a fingir ser o árbitro neutro neste jogo. (DEMORI, GREENWALD, REED. The Intercept Brasil, 2019)⁷

Reportagens de cunho investigativo são apenas uma das possibilidades que tal gênero jornalístico oferece para o profissional de comunicação. Elas podem se encaixar em uma ou mais tipologias, formatos, abordagens e direcionamentos, tudo de acordo com a melhor proposta encontrada pelo jornalista e também pelo material à disposição e seus objetivos. Porém, independente de qual seja esse objetivo final do material jornalístico, as reportagens se configuram como reportagens a partir de alguns atributos, que, de acordo com Sodré e Ferrari (1986), são a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Indo mais a fundo na definição, ressalta-se que a literatura impressionista possui como elementos a valorização das emoções e das sensações; o resgate e a importância da memória; e o enfoque em sentimentos não só coletivos, mas principalmente individuais.

Pensando a partir desse direcionamento da predominância da narrativa e do enfoque nas emoções e sensações de figuras individuais, a autora Cremilda Medina (2003), em seu livro *A Arte de Tecer o Presente*, traz algumas conclusões acerca daquilo que ela vai chamar de narrativa da contemporaneidade. Separando o termo, Medina (2003) explicita primeiro o que entende por narrativa - ou pelo ato de narrar:

A arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural, a narrativa, o humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. (MEDINA, 2003, p. 47-48)

Com relação a contemporaneidade, a autora reflete sobre como uma percepção possível à narrativa traz consigo um leque de desafios. “Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades democráticas” (MEDINA, 2003, p. 48). A pesquisadora ainda complementa a ideia ao reforçar que pelo desejo de se inserir e dizer, o autor da reportagem se assina e configura como um humano com personalidade. Já ao desejo de contar uma história pela perspectiva social da atualidade, esse jornalista constrói uma mediação que possibilita a articulação e o passeio entre histórias separadas.

⁷<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>

Em pesquisa realizada com estudantes que atuavam na produção do livro *São Paulo de Perfil*, Medina (2003) constatou algumas observações sobre a produção de uma reportagem e a relação desse produto com o leitor. Conforme o resultado, a autora observou que para os leitores de uma narrativa é importante que estes se sintam conectados através da identificação com os personagens anônimos e suas histórias de vida.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não tem voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional, passou a ser um marco de pesquisa cada vez mais consistente no *São Paulo de Perfil*. (...) Contar uma boa história, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 2003, p. 52-53)

Outra constatação da autora se refere ao modelo de escrita adotado pelas narrativas. De acordo com os dados apresentados, os leitores se opõem a grandes cargas conceituais ou materiais puramente estatísticos, com teses e informações engessadas.

“Manifestam claramente a preferência pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e protagonizada pelos heróis da aventura contemporânea. (...) Não se trata de divulgar a informação especializada, mas encontrar o tom de legibilidade na comunicação entre a demanda social concreta e a oferta científica disponível.” (MEDINA, 2003, p. 53)

A partir da visão trazida por Medina (2003), é possível compreender que a escrita de uma reportagem precisa ultrapassar o mero ato de escrever e se desenvolver como o trançar de um tecido que constrói uma tecelagem.

Tecer os sentidos contemporâneos num amplo contexto democrático, reconstituir as histórias de vida num cenário das diferenças culturais que se assinam nas múltiplas oraturas e cruzar as carências sociais com o gesto generoso dos pesquisadores e dos artesãos de um outro futuro despertam uma sensibilidade altamente complexa e de fina sintonia com o presente. (MEDINA, 2003, p. 53)

Apegada à definição de narrativa de contemporaneidade exposta por Medina (2003), me debruço nas tipologias de reportagens classificadas por Sodré e Ferrari (1986), que criam três categorias para a reportagem: reportagem de fatos,⁸ reportagem de ação⁹ e reportagem documental.¹⁰ Assim, no desejo de construir uma narrativa sobre as mulheres quilombolas que

⁸ “Trata-se de um relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma de pirâmide invertida. Como na notícia, os fatos são narrados em sucessão, por ordem de importância.” (SODRÉ, FERRARI. 1986, p.45)

⁹ “É o relato mais ou menos movimentado, que começa sempre pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante nessas reportagens, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira anunciante, próximo ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas com um filme.” (SODRÉ, FERRARI. 1986, p.52)

¹⁰ “É o relato documentado, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhado de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. Comum no jornalismo escrito, esse modelo é mais habitual dos documentários da televisão ou do cinema. A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às

atuam na linha de frente da luta contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, localizada na cidade do Conde, no Estado da Paraíba, penso que a melhor forma de desenvolver a reportagem seria com tipologia híbrida que mescle não tão somente a reportagem documental, como uma quarta e quinta definição, também de Sodré e Ferrari (1986): a reportagem-conto e a reportagem-crônica.

Conforme detalha Sodré e Ferrari (1986), a reportagem-conto prioriza particularizar a ação ao escolher um personagem para ilustrar um tema mais abrangente a ser desenvolvido. “Os dados documentais estão dissimuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto que incorpora até o fluxo de consciência dos personagens” (SODRÉ, FERRARI. 1986, p. 81). Por outro lado, a reportagem-crônica “tem caráter mais circunstancial e ambiental. Sendo pequena não é notícia, nem tem abrangência de uma grande reportagem. Não se inscreve nos modelos de fact-story, action-story ou quote-story, embora possa usar alguns desses recursos. Chega perto da crítica social e da opinião velada” (SODRÉ, FERRARI. 1986, p. 87).

A partir da compreensão acerca da tipologia de reportagem escolhida para a produção do material proposto, é necessário ponderar e aprofundar o conhecimento nas possibilidades do fazer jornalístico diante do objetivo almejado. Isto é, descobrir e amadurecer o tom da reportagem e os artifícios do Jornalismo utilizado para alcançá-lo, por exemplo.

2.1.2 Ressignificando o Jornalismo de Proximidade

Com o passar dos anos, somados aos avanços tecnológicos e as demandas propostas pelo contexto da sociedade com a internet, o fazer jornalístico foi se aperfeiçoando e adquirindo um *modus operandi* mais mecânico e automático a fim de suprir o imediatismo cobrado pelos consumidores de notícias. Não se pode negar que a velocidade das notícias e de disseminação delas proporcionam muitos benefícios ao Jornalismo; entretanto, a pressa rouba do jornalista a possibilidade de olhar mais de perto e com mais atenção para a sua pauta, fazendo com que este perca detalhes importantes, que passam despercebidos entre o piscar dos olhos no momento em que “dar o furo” se torna a coisa mais essencial. Portanto, observa-se a necessidade, principalmente para a elaboração da reportagem proposta, de um

vezes tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito do tema em questão.” (SODRÉ, FERRARI. 1986, p.64)

olhar mais calmo e mais disposto. Se põe como fundamental um fazer jornalístico mais cuidadoso, cauteloso, mais humano e mais próximo.

Aqui, o termo “próximo” constrói uma ponte direta para o Jornalismo de Proximidade e ainda o ponho mais além. Para Fernandes (2004), a prática jornalística no contexto da proximidade dispõe de dois caminhos: a temática e a geográfica.

A primeira, a temática, supre a necessidade de grupos que buscam trocar informações, têm afinidades por temas os mais diversos e expectativas em comum [...]. A segunda, a geográfica, diz respeito à proximidade espacial, que está inserida de modo direto na convivência cotidiana das pessoas, gerando um grau de interação e afetividade ainda maiores. (FERNANDES, 2004, p. 6-7)

Concluído isso, vou mais adiante, pois sinto a necessidade de destacar que se faz importante no fazer jornalístico também a proximidade empática, humana, que ainda que não construa vínculos emocionais com a pauta, mas consiga enxergar seus personagens em sua totalidade e nuances; que consiga demonstrar uma escuta ativa e efetiva, prestando atenção no dito e também no não-dito. Em reportagem publicada através do Instagram @jpinvisivel, Couto (2019) reitera essa ideia de proximidade e do papel do jornalista dentro desse contexto a partir do trecho: “Tendo entendido toda a situação dela, percebi que pouco precisava falar. Meu papel ali era ouvir. Foi por isso que ela veio até mim e se abriu tanto. Ela queria ser vista. Ouvida”. O Jornalismo e o jornalista precisam enxergar a pauta e seus personagens com todos os seus enredos, permitindo que, muitas vezes, estes determinem o encaminhamento a ser dado pela reportagem.

O Jornalismo de Proximidade aqui proposto se alinha ao Jornalismo das causas sociais, do olhar mais humano, de gente para gente. Para Sebrían e Alves (2008), o jornalismo humanizado irá se propor a ir além dos recursos mais conhecidos tradicionalmente, como os textos diferenciados e a linguagem que flerta com elementos da literatura. Segundo os autores, o jornalismo humanizado “busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (SEBRIAN, ALVES. 2008, p.2).

O fazer jornalístico convencional preso nas produções imediatistas ou arcaicas de alguns modelos de redações não cabe na produção de reportagem aqui proposta. Corroborando a humanização da prática jornalística e a proximidade com os elementos que irão compor a reportagem, Medina (2003, p. 40) vai afirmar que “é preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano”. Ainda conforme a autora, é a leitura

desse público, a identificação com as pessoas que são anônimas e as vivências destas, a libertação de conceitos estáticos que constroem o universo social dentro da reportagem, atrelado a informação humanizada e os exemplos na vida que acontece no dia a dia, transformando pessoas reais em heróis contemporâneos.

2.1.3 Reportagens em longform e o Jornalismo no digital

Ao definir o tipo de reportagem e o tom a ser dado a ela, é preciso pensar no formato e na distribuição que o material terá em seu momento de pós-produção. Nesta etapa, enquanto penso no Jornalismo para o futuro próximo, defendo a intersecção do passado com o presente, em um misto de rompimento com a produção jornalística tradicional enquanto abraço as novas tecnologias. Pelo desejo de devolver a reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB” para o mundo através da internet, o webjornalismo irá se configurar aqui, alinhado a tudo que foi anteriormente proposto, como o *longform journalism*.

O termo, que aos poucos se populariza no Brasil, reúne as possibilidades do jornalismo no cenário digital na produção de reportagens multimidiáticas e, às vezes, em multiplataformas. A leitura se torna, dentro do longform, mais aprofundada e até mais lenta, devido à potência máxima de recursos que a internet une ao Jornalismo. Os pesquisadores Longhi e Winkes (2015, p. 4) argumentam que “[...] o texto longo se destaca não apenas pelo formato, mas também pela apuração, contextualização, e aprofundamento”, tópicos propostos para a produção da minha reportagem.

Para entender o surgimento e o lugar do longform no jornalismo digital, é necessário traçar de volta o caminho do webjornalismo. O termo caracteriza a prática jornalística a partir do surgimento da internet e da popularização do mecanismo, em meados dos anos 1990, ainda no século 20. Em todo esse tempo, assim como o jornalismo tradicional, o ciberjornalismo também precisou se adaptar, seja com as rápidas transformações de conexões, seja devido à pluralidade de redes sociais, e com isso desenvolveu ao menos três fases conhecidas.

A primeira fase, conforme explica Mielniczuk (2003), é a distribuição – e reprodução – dos produtos jornalísticos dos jornais e revistas impressos, integral ou parcialmente, na internet. Após esse período, o webjornalismo desenha sua segunda fase através da produção, ainda relacionada aos impressos, porém com um sentido mais complementar. A autora vai ressaltar que o jornal e a revista funcionam como uma referência, classificando essa fase 2

como a fase da metáfora. O cenário atual do webjornalismo estaria inserido, portanto, na terceira geração – não necessariamente por conta do recorte temporal, mas pela caracterização da produção. Nesta terceira fase, a produção de conteúdos acontece pensada estrategicamente para o ambiente virtual, podendo ser uma adaptação do produto do impresso para as redes ou um conteúdo completamente exclusivo para aquele ambiente e público.

O *longform* se insere na terceira geração do webjornalismo, que apresenta o jornalismo interativo. De acordo com Raquel Longhi (2010, p. 153), o jornalismo com interatividades pode ser definido como uma “grande reportagem constituída de formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentro outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear”. A definição de jornalismo interativo perpassa com exatidão as análises de Mielniczuk (2003) sobre a terceira geração do ciberjornalismo, aonde as produções apresentam multimidialidade – recursos sonoros e visuais complementando o texto. Desta maneira, é possível observar que as três fases do jornalismo online vão se distinguir diante das ferramentas de apuração (e publicação, bem como o formato de publicação), e não pela maneira como essa apuração acontece.

Mesmo que a prática da multimídia não tenha nascido com a internet, foi a web que facilitou a sua aplicação aos conteúdos, já que os meios analógicos são mais limitados (SALAVERRÍA, 2014). Quando o jornalismo decide se apropriar do conceito para suas produções digitais, ele passa a se inserir em uma cultura que foi identificada por Henry Jenkins (2009) como cultura da convergência, na qual o autor se refere a uma demanda de conteúdos através de múltiplas plataformas e, mais do que isso, de cooperatividade entre diversos mercados inseridos da mídia e também do comportamento dos públicos em migrar e se adaptar aos meios de comunicação. “Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (JENKINS, 2009, p. 29).

No Brasil, uma das plataformas pioneiras na implantação da interatividade e da multimidialidade, ou seja, do longform, foi a UOL Tab. O site que integra o grupo UOL foi lançado em outubro de 2014 com a proposta de inovar no formato de narrativas jornalísticas dentro do Universo Online (UOL). Segundo Daniel Tozzi (2018), editor-chefe do UOL Tab, o propósito da plataforma é ofertar uma experiência diferenciada de conteúdo, com abordagens inovadoras e formatos interativos. A prioridade da equipe envolvida na produção do TAB é

estabelecer uma conexão entre o conteúdo e o público, fazendo com que este último passe mais tempo navegando pelas páginas do site. As reportagens para o TAB são de acesso gratuito e disponibilizadas às segundas-feiras, tratando sempre de temas diversos como comportamento, tecnologia, consumo e sociedade – abordando, por exemplo, discursos de ódio, depressão, feminismo, racismo, etc – sempre com a presença de recursos interativos e de multimídia.

Figura 1: Reportagem usando imagens animadas e texto com profundidade no UOL Tab



Fonte: UOL/reprodução¹¹

A reportagem “O ano sem adeus”, de Marie Declercq, foi publicada em 15 de dezembro de 2020. O material do UOL Tab se apresenta como um exemplo de reportagem do tipo longform, trazendo a proposta de artifícios interativos e o texto mais extenso, com mais profundidade. A reportagem de Declercq (2020) explora os personagens, a narrativa de histórias de vida e é dividida em partes, cada uma delas intercalada de uma arte feita exclusivamente para a história ali retratada. “O ano sem adeus” traz texto, ilustração e fotografia alinhados ao propósito de contar histórias reais que atravessam o luto diante da pandemia da covid-19, que modificou as formas de relações entre vivos e também as despedidas – os rituais de velório, sepultamento e o processo de luto, de forma geral.

¹¹ <https://tab.uol.com.br/edicao/rituais-de-despedida/>

2.2 QUILOMBOS

O entendimento da identidade negra no Brasil se constitui em um ambiente muito complexo, visto que é necessária a autoafirmação dos indivíduos – que muitas vezes se anulam em decorrência do histórico racista do país. A falta de políticas de inclusão para os ex-escravos no período pós-abolição foi o pontapé inicial da desigualdade social no Brasil e da estruturação racista sob a qual a sociedade se estabeleceu. A população de negros e negras do país teve formação a partir da chegada dos africanos que foram sequestrados de seus países natais e trazidos ao Brasil para serem escravizados e, assim, servirem como mão-de-obra barata nas lavouras de cana-de-açúcar e demais produtos econômicos da época.

Justamente em razão da falta de infraestruturas inclusivas para essa população após a libertação dos cativos nos engenhos, restou aos negros e negras do Brasil à marginalização e a missão de desvincular de si a imagem negativa produzida pelos anos de escravidão. Sob essa perspectiva, reafirma-se o mito da democracia racial, termo cunhado por Gilberto Freyre, autor de “Casa Grande & Senzala”, que trata a inserção dos negros no país e a mistura de etnias – indígenas, negros e brancos – como algo feito de maneira pacífica e cordial.

Isso significa dizer que a história da população negra no Brasil é marcada pela morte dupla, além da morte física nos canaviais, cafeeis e garimpos, eles ainda experimentaram a morte cultural, pois a sociedade brasileira desde o século XVI insiste em negar os elementos pertinentes à história e cultura afro-brasileira e africana como matriz da formação social e cultural do Brasil. (CHAGAS, 2009, p. 3)

Na contramão desse conceito, fica evidente que a exclusão do negro da sociedade, ainda em tempos pós-abolição, foi o fator inicial para a segregação e contribuiu para o fortalecimento dos quilombos. Na verdade, os quilombos se configuram como espaço de resistência por terem começado ainda no período da escravidão, abrigando as pessoas escravizadas que conseguiam fugir das senzalas e engenhos, reforçando a luta coletiva e o acolhimento como atos de resistência.

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão- e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava a formação desses grupos. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres (REIS; GOMES, 1996, p. 9).

O termo “quilombo” possui origem bantu¹² e significa fortaleza ou acampamento. A palavra foi usada, inicialmente, pelos portugueses a fim de especificar as povoações construídas pelas pessoas escravizadas que haviam fugido dos cativeiros. Aqui no Brasil, além de quilombos, esses espaços eram conhecidos também como arranchamentos ou mocambos. Essas estruturas, com o decorrer do tempo, mudavam de lugar, tamanho, população, formas de organizações e foram essenciais para o tecido social do sistema brasileiro.

O quilombo de Palmares, conhecido como maior quilombo já existente, também é considerado o primeiro do qual se tem registros. Surgido no fim do século 16, no território que correspondia à capitania de Pernambuco na época, atualmente a região da Serra da Barriga, que abrigou Palmares, está dentro do estado de Alagoas, nas imediações da divisa estadual com Pernambuco. Entre o final do século 16 e início do século 17, o quilombo de Palmares chegou a ter em média 20 mil habitantes e serviu de inspiração para a criação de outros quilombos no mesmo período. O local foi berço de Zumbi dos Palmares, considerado figura importante na história da luta anti escravocrata e um dos últimos líderes do quilombo de Palmares. Além dele, sua esposa, Dandara dos Palmares também é reconhecida pela sua garra e liderança no período de atividade do quilombo.

O Movimento Negro Unificado (MNU) foi fundado no final da década de 1970, abrindo as portas para que as denúncias referentes ao racismo da sociedade brasileira ganhasse voz e visibilidade. As lideranças que constituíam o movimento negro começaram a dar ênfase na cultura presente nos antigos quilombos e buscar a valorização dos quilombolas, que representavam a resistência daquele povo. A partir da luta coletiva, muitos negros e negras passaram a se identificar como remanescentes quilombolas e perseverar junto ao movimento pelo reconhecimento. Já na década de 1980, a Paraíba começou a incluir suas comunidades quilombolas nas pautas nacionais e estas se juntaram às outras comunidades espalhadas pelo país.

Ao todo, o estado possui 39 comunidades quilombolas que se distribuem em 25 municípios paraibanos. Em meados de 2012, a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba estimou 2.400 famílias vivendo em territórios considerados quilombolas em todo o estado. A primeira comunidade a ser reconhecida como área remanescente de quilombo foi Serra do Talhado, que fica localizada no município de Santa

¹² Bantu é a base do leque de idiomas falado na África central e austral, a exemplo do umbundo, quimbundo, bakongo, dentre outros, que foi criado no século XIX.

Luzia, no Sertão paraibano, em 2004. O local foi fundado por Zé Bento, um escravo que havia fugido de uma fazenda piauiense, em 1860, há quase 30 anos antes da abolição acontecer no Brasil. No distrito de Cepilho, em Areia (PB), a comunidade quilombola Engenho Bonfim, foi a primeira do país a conseguir receber a titulação de posse pelo próprio território através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária da Paraíba, o Incra. Além disso, o quilombo remanescente também foi o primeiro da Paraíba a obter esse título.

2.2.1 A comunidade quilombola de Mituaçu e suas mulheres quilombolas

A comunidade quilombola de Mituaçu está localizada no município do Conde, no litoral sul da Paraíba, integrando a Região Metropolitana de João Pessoa – também conhecida como Grande João Pessoa. O município possui suas raízes fincadas na chamada aldeia Jacoca, que pertencia aos índios tabajaras, e foi administrada por missionários da Ordem Franciscana depois que esses chegaram ao estado da Paraíba, em 1589. Para o surgimento da sede da cidade, a aldeia se fundiu a uma outra área denominada de Pindaúna, que pertencia aos índios potiguaras, no período de ocupação da capitania pelos holandeses. De início, o município foi nomeado de Maurícia ou Mauricéia, na tentativa de homenagear o governador da província, Conde Maurício de Nassau, e durante muito tempo foi um local estratégico de defesa entre o Recife, considerada capital dos holandeses, e Filipéia de Nossa Senhora das Neves, antiga denominação da cidade de João Pessoa.

Quando os portugueses expulsaram os invasores da Holanda do território, a aldeia foi elevada à categoria de freguesia e depois vila. Há quem acredite que mesmo com a expulsão dos holandeses, a cidade não perdeu a homenagem à Nassau, mudando o nome de Maurícia ou Mauricéia para Conde. Entretanto, historiadores como Horácio de Almeida, defendem a tese de que o nome provém da existência da fruta-do-conde, comumente conhecida como pinha, na região. A fundação da freguesia aconteceu em meados de 1660, mas o município só aparece na divisão administrativa brasileira em 1911, considerado um distrito de João Pessoa. Entre os anos de 1944 e 1948, o Conde teve seu nome modificado para Jacoca. No ano seguinte, 1949, até 1953, a região passou a se chamar Vila do Conde e, por fim, após a emancipação política em 1963 estabeleceu-se de vez o nome de Conde para a cidade. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2020, o município do Conde possui 25.010 habitantes.

Na zona rural da cidade do Conde, a comunidade quilombola de Mituaçu fica há cerca de 25 quilômetros de distância da capital João Pessoa. O acesso pode ser feito pelos bairros de

Gramame ou Valentina, em João Pessoa, ou pela BR-101 através do Conde. A comunidade de Mituaçu fica entre os rios Jacoca e Gramame, na região mais alta, ficando ilhada em períodos de chuvas e cheias dos rios. A estrada por dentro de João Pessoa até Mituaçu é majoritariamente de barro e inclui a passagem pela Ponte dos Arcos, estrutura que foi construída sob o rio Gramame em 1930 e é um forte símbolo para as comunidades ribeirinhas. No sítio Mituaçu, a construção das casas respeita um determinado espaço uma entre a outra e toda a comunidade é cercada por vegetação da Mata Atlântica. Apesar de muitos moradores se deslocarem para o Conde, João Pessoa ou outras cidades vizinhas para trabalhar, a maioria se divide entre o trabalho na própria comunidade, na escola ou no posto de saúde, e na atividade de pesca e agricultura. Atualmente, a comunidade tem cerca de 350 famílias e mais de mil habitantes, segundo estimativa da Unidade Básica de Saúde (UBS) de Mituaçu.

Local central da reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”, a UBS de Mituaçu foi construída em 2003, quando o Programa Saúde da Família foi ampliado. No terreno em que foi erguida, funcionava a antiga sede e vestiário do time de futebol local. A portaria de nº 1.334, de 14 de julho de 2004, contemplou populações assentadas e quilombolas, validando todas as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, principalmente dos quilombolas, e incluindo a Atenção Básica de Saúde à Estratégia Saúde da Família. Dentro deste último programa estão incluídas as Agentes Comunitárias de Saúde (ACS). Na comunidade, atualmente existem duas ACS trabalhando, Mônica de Sousa e Marinalda da Silva, duas das três mulheres quilombolas na linha de frente da covid-19 que entrevistei para a reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”. A terceira personagem é a enfermeira Sandra Sousa, que atuava na chefia da UBS de Mituaçu no momento em que a pandemia começou, mas saiu do cargo após a mudança de gestão na Prefeitura Municipal do Conde com as eleições municipais de 2020.

Desde o exemplo de Dandara dos Palmares, as mulheres quilombolas enfatizam sua garra e força como símbolos de resistência e enfrentamento. Portanto, com a covid-19 não foi diferente. Mônica e Marinalda trabalham há quase 20 anos na área da saúde, enquanto Sandra já ultrapassou essa data-marco. Para as três, a oportunidade de retribuir os cuidados da comunidade para a comunidade é um dos principais fatores que as motivam no trabalho. Com a pandemia do novo coronavírus, as relações mudaram e a coletividade antes conhecida precisou ser remodelada, um grande desafio para um povo tão acolhedor como a população de Mituaçu se apresenta. Apesar disso, o trabalho segue funcionando na comunidade através das

mãos cuidadoras de muitas mulheres. Além de Mônica e Marinalda, a UBS de Mituaçu ainda conta com uma enfermeira-chefe, uma médica e outras mulheres como assistentes, técnicas de enfermagem, dentre outras funções. A equipe do posto de saúde local é inteiramente feminina.

No início dos anos 1970, o movimento feminista passou a pautar a divisão sexual no ambiente trabalhista e observou-se que alguns locais estavam “naturalmente predestinados” às mulheres. Trazendo para a área da saúde, o foco debatido no presente trabalho, Pastore, Rosa e Homem (2008, p. 3) observaram que “as relações estabelecidas nas práticas do trabalho na área da saúde apresentam uma concepção de oposição entre o tratar (saber e fazer médico) e do cuidar (saber e fazer de enfermagem)”. Esta última, a enfermagem, é uma profissão composta majoritariamente por mulheres e é uma atividade que está diretamente ligada ao cuidado com o outro – ainda que na vida profissional.

Não obstante na exposição ao vírus por serem profissionais da saúde, as mulheres quilombolas também compõem as estatísticas das principais vítimas do coronavírus. Ainda que não exista explicação biológica comprovada cientificamente, é possível perceber que devido à estrutura da sociedade, as mulheres negras estão em espaços de vulnerabilidade – sejam em profissões de alta exposição ao vírus, como empregadas domésticas ou funcionárias de estabelecimentos que não pararam; ou até mesmo, independente da profissão, se configuram como chefes de suas famílias, sem a possibilidade de parar de trabalhar por conta do sustento da casa. Ou, assim como as mulheres quilombolas de Mituaçu escolhidas para a reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”, atuam em áreas da saúde e estão sujeitas ao contágio.

Uma pesquisa da Universidade de Harvard, dos Estados Unidos, publicada pelo *Journal of General Internal Medicine*, expôs que a mortalidade da doença é cerca de quatro vezes mais alta em mulheres negras do que em homens brancos e três vezes maior em relação a homens asiáticos. Nos dados colhidos pela instituição de ensino superior estadunidense, as mulheres negras ficam atrás apenas dos homens negros, que se encontram em situação maior de vulnerabilidade em relação ao novo coronavírus. Não à toa que, muito simbolicamente, a primeira vítima fatal da covid-19 no Brasil foi uma mulher negra, moradora de periferia, que trabalhava como empregada doméstica e seus patrões tinham voltado recentemente de uma viagem para a Europa.

2.3 A COVID-19 E A PANDEMIA

O primeiro caso conhecido do novo coronavírus surgiu na China, na cidade de Wuhan, na região central do país, em dezembro de 2019. Os casos suspeitos iniciais foram identificados em 31 de dezembro daquele ano, verificando-se que os sintomas começaram a aparecer no início do mês, em 01 de dezembro de 2019. Apesar das confirmações, cientistas investigam se, de fato, o paciente zero foi o registrado inicialmente. As suspeitas são de que o primeiro caso pode ser rastreado até 17 de novembro, que seria um cidadão de 55 anos morador de uma província chamada Hubei. Cinco mulheres e quatro homens foram infectados no mês de novembro, mas nenhum deles se configurava como o paciente zero. Somente em dezembro, os casos de infecção pelo novo coronavírus passou a aumentar consideravelmente, atingindo marcas como 60 casos em 20 de dezembro e 266 em 31 do mesmo mês.

A teoria inicial da fonte do coronavírus foi associada ao Mercado Atacadista de Frutos do mar de Huanan, que é conhecido por vender também animais vivos. Contudo, em maio de 2020, o diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China, George Gao, explicou que amostras coletadas nos animais do mercado de frutos do mar apresentaram resultados negativos para a presença do vírus, desbancando a ideia de que o surto teria começado no local. A partir disso, então, em 31 de dezembro de 2019, após investigações iniciais, a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan emitiu um comunicado de surto de uma pneumonia misteriosa, confirmando 27 casos.

Um mês depois do alerta feito por Wuhan, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o coronavírus como uma emergência de saúde pública à nível internacional. Antes disso, em 15 de janeiro o Japão confirmou o primeiro caso de coronavírus, um paciente que havia retornado de Wuhan em poucos dias. No dia 20 de janeiro, os Estados Unidos também confirmaram a primeira infecção pela doença de um morador do Estado de Washington que havia retornado da China recentemente. A Itália, que se tornou em pouco tempo o segundo epicentro da doença, confirmou seu primeiro caso de covid-19 no dia 31 de janeiro. Apesar de inicialmente os médicos terem considerado o risco de transmissão do vírus entre humanos baixos, a descoberta de que o coronavírus estava inserido no contexto da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) pôs a China e arredores em alerta sob o risco de uma epidemia viral. As primeiras transmissões aconteceram em pessoas que haviam visitado a China ou tiveram contato com quem esteve no país. A primeira morte em razão do novo coronavírus aconteceu na China, em 9 de janeiro, e em 11 de março de 2020 a OMS decretou

a propagação da covid-19 como estado de pandemia. Dias depois, a Europa passou a ser considerada o epicentro da doença.

O vírus possui origem zoonótica, o que indica que a transmissão inicial se deu através de um animal. Estudos apontam o morcego como o principal hospedeiro do novo coronavírus. Com a descoberta do vírus, pesquisadores e cientistas se mobilizaram em prol de investigar o surgimento e formas de contenção dos casos. Virologistas da Universidade de Barcelona, na Espanha, analisaram amostras de esgoto coletadas em 12 de março de 2019 que apresentavam vestígios do SARS-CoV-2, o coronavírus responsável pela covid-19. Isto é, mais de nove meses antes da descoberta dos primeiros casos em Wuhan. Outro estudo, feito pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, sugeriu que a covid-19 poderia já estar se espalhando pela China em meados de agosto de 2019.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado apenas em 26 de fevereiro de 2020, de um paciente que havia estado na Itália. Entretanto, amostras de águas residuais coletadas de maneira independente em 27 de novembro de 2019, em Santa Catarina, na região Sul do país, constatarem a presença do SARS-CoV-2 – e amostras subsequentes foram positivas em dezembro de 2019 e fevereiro de 2020, ainda antes da primeira confirmação. Os estudos indicam, portanto, que o vírus poderia estar em circulação no Brasil desde novembro de 2019.

Uma pandemia, segundo a definição da OMS, é a disseminação global de uma nova doença. Quando o surto atinge determinada região, é considerado epidemia, mas quando isso se estende por diversos continentes e a transmissão se mantém sustentada, passa a ser considerado pandemia. O mundo já registrou algumas pandemias, em diferentes proporções, e a última delas havia sido a chamada gripe suína, causada pelo vírus H1N1, em 2009, com a transmissão inicial partindo de porcos e aves para humanos. O primeiro caso da H1N1 foi registrado no México e após 36 mil casos em 75 países, a Organização Mundial da Saúde elevou a epidemia a uma pandemia. A pandemia da gripe suína durou cerca de um ano, tendo seu fim decretado em agosto de 2010, com um total de 187 países com casos confirmados e quase 300 mil mortos.

Outras pandemias conhecidas são a da Peste Negra, em 1300, com o retorno da peste bubônica para a Europa. A contaminação teve início na Ásia e em 1348 os primeiros casos chegaram ao continente europeu, vitimando cerca de 20 milhões de pessoas em seis anos – o que correspondeu a $\frac{1}{4}$ da população total da região. E a da Gripe Espanhola, nas primeiras décadas do século 20, causada por um vírus influenza. A gripe contaminou cerca de 500

milhões de pessoas e o número de mortos é contabilizado entre 17 milhões e 50 milhões, com alguns estudos apontando até 100 milhões de vítimas fatais. A Gripe Espanhola se tornou uma das epidemias mais mortais em toda a história da humanidade.

O primeiro nome da doença causada pelo novo coronavírus foi 2019-n-CoV, mas em 11 de fevereiro de 2020 recebeu o nome oficial de covid-19. O nome “covid” em inglês significa “doença causada por coronavírus” e o 19 faz alusão ao ano em que a doença foi descoberta, no caso em 2019. A transmissibilidade do vírus se intensificou à medida que ele sofreu mutações. O contágio pela doença acontece através, principalmente, através de gotículas liberadas em tosses, espirros, quando falamos, etc. Apesar de poder acontecer a infecção pelo ar, as gotículas são pesadas para durarem por muito tempo flutuando e então se alocam em superfícies e/ou pisos. As formas de prevenção são o uso de máscaras, a higienização das mãos com água e sabão ou álcool 70% líquido ou em gel, e o distanciamento social.

Para conter o avanço do vírus, países reforçaram o isolamento, chegando em casos de lockdown em boa parte do mundo. O Brasil, na contramão das recomendações sanitárias da OMS, se manteve resistente na execução do lockdown – no caso, o Governo Federal. O país foi um dos únicos do mundo que se utilizou de medicamentos sem comprovação científica no tratamento da covid-19, como a cloroquina e a hidroxicloroquina. Além disso, em investigações em curso pela CPI da pandemia executada pelo Senado brasileiro, foi apontado que o presidente Jair Bolsonaro recusou 11 vezes a oferta de vacinas pela farmacêutica Pfizer, uma das primeiras a desenvolver uma vacina contra o novo coronavírus.

Além da resistência à ciência, o presidente do Brasil também discursou se opondo ao distanciamento social e ao isolamento, defendendo a abertura dos comércios sob o slogan de que “o Brasil não pode parar”. Jair Bolsonaro ainda participou constantemente de aglomerações e manifestações irregulares, sem o uso de máscaras, destoando do exemplo dado por autoridades máximas de países no restante do mundo. No início da pandemia, o presidente dos Estados Unidos na época, Donald Trump, tinha um comportamento similar, o que agravou a pandemia no país. Com as eleições americanas em 2020 e a vitória do democrata Joe Biden, os casos da doença foram controlados a partir das medidas restritivas e a vacinação se mostrou bem-sucedida, com a maioria da população imunizada ainda no primeiro semestre de 2021.

A má-condução do Governo Federal em relação à gravidade da pandemia se apresentou de diversas maneiras, como as anteriormente citadas, e também as sucessivas trocas de Ministros da Saúde durante a maior crise sanitária do país até então. No início da pandemia, o médico Luiz Henrique Mandetta estava à frente da pasta, incentivando o isolamento social e as orientações dadas pela OMS para a prevenção da doença. Contrário a essas ideias, Jair Bolsonaro demitiu Mandetta e o, também médico, Nelson Teich assumiu o Ministério da Saúde. Com uma das gestões mais rápidas da História, Teich deixa a pasta com menos de um mês que tinha assumido. “A vida é feita de escolhas e hoje eu escolhi sair”, declarou o ex-ministro em seu pronunciamento. A partir deste momento, o general Eduardo Pazuello, secretário-executivo do Ministério, assume a pasta interinamente. No dia da saída de Nelson Teich, 15 de maio de 2020, o Brasil contabilizava 14.455 mortes e 212.198 casos de covid-19. O Brasil atingiu a marca de um milhão de casos confirmados do novo coronavírus em 19 de junho de 2020, quando também já somava 48 mil mortes pela doença. Com o avanço da covid-19 cada vez mais rápido, em 8 de agosto, o país já contabilizava três milhões de infectados e 100 mil mortos.

Na Paraíba, o governador João Azevêdo foi um dos representantes estaduais que primeiro se antecipou às medidas preventivas contra o novo coronavírus, assim que os primeiros casos foram confirmados em estados vizinhos, como Pernambuco. Em 13 de março de 2020, dois dias após a declaração da OMS de estado de pandemia para a covid-19, o governador paraibano decretou estado de calamidade pública no estado para que medidas rápidas e eficazes contra o vírus fossem tomadas com maior facilidade. O primeiro caso na Paraíba foi confirmado em 18 de março de 2020, um paciente de João Pessoa que havia retornado de uma viagem para a Europa no dia 29 de fevereiro. Na ocasião, o estado tinha 16 casos descartados e 80 casos suspeitos. A primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu dia 17 de março de 2020 e na Paraíba, o primeiro óbito em razão da doença foi confirmado no dia 31 de março, um idoso que residia em Patos, no Sertão do estado.

Em 21 de outubro de 2020, a CoronaVac, vacina desenvolvida pela Sinovac, laboratório chinês, já estava sendo produzida no Brasil pelo Instituto Butantan, localizado em São Paulo. A data marca a negativa do presidente Jair Bolsonaro com relação à compra de 46 milhões de doses do imunizante, desautorizando o Ministério da Saúde de concluir a aquisição.

Em janeiro de 2021, um dos piores momentos da pandemia no Brasil começa a se delinear. No dia 07 daquele mês, o Brasil alcança a marca de 200 mil mortes por covid-19 e se torna o segundo país com mais óbitos, naquele momento. Uma semana depois, no dia 14 de janeiro de 2021, a cidade de Manaus, no Amazonas, entra em colapso com o esgotamento do estoque de oxigênio no local. Entre os dias 15 e 19 de janeiro, cerca de 30 pessoas morreram por falta de oxigênio nos hospitais.

No dia 17 de janeiro deste ano, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o uso emergencial das vacinas: CoronaVac, desenvolvida pelo Instituto Butantan, e a Oxford, da AstraZeneca, desenvolvida pela Fiocruz no Brasil. No mesmo dia, o estado de São Paulo dá início a vacinação e a enfermeira Mônica Calazans é a primeira brasileira a receber o imunizante contra o novo coronavírus. No dia seguinte, 18 de janeiro, a Paraíba recebe as primeiras doses da vacina e, no dia 19 de janeiro, a enfermeira Marineide Rodrigues, de 60 anos, se torna a primeira pessoa a se vacinar contra a covid-19 no estado. No dia 12 de março de 2021, a Anvisa aprovou integralmente o uso da vacina de Oxford, sendo liberada a vacinação em massa com o imunizante.

Caminhando para mais uma substituição, no dia 15 de março de 2021, o general Eduardo Pazuello deixa a pasta da saúde e quem assume o Ministério é o médico paraibano Marcelo Queiroga. Ao longo da pandemia, o Brasil somou quatro ministros da saúde. O general da ativa sai do Ministério em um dos momentos mais críticos da pandemia, quando o Brasil enfrentava a segunda onda da covid-19 e já apresentava um cenário pior do que o pior quadro até então visto da pandemia no país. O mês de março de 2021 foi o mês com maior número de mortes pelo novo coronavírus, superando o mês de junho de 2020, que obteve o marco até então.

Até o dia 05 de junho de 2021, eram mais de 170 milhões de casos da covid-19 confirmados em todo o mundo e mais de 3,7 milhões de mortos. No Brasil, até a data em questão, mais de 16,9 milhões de casos confirmados e mais de 470 mil mortos pela doença. Segundo dados da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), até o dia 01 de junho de 2021, 5.354 casos de covid-19 estavam confirmados em relação à população quilombola. Outros 1.476 casos estavam sendo monitorados e 276 óbitos foram registrados. No Estado da Paraíba, até o dia 05 de junho, foram 342.192 casos confirmados da covid-19 e 7.820 óbitos em decorrência do novo coronavírus. Conforme o boletim divulgado pela Prefeitura Municipal do Conde no dia 05 de

junho, a cidade contabilizava 2.241 casos confirmados da covid-19, 4.462 casos descartados, 2.180 casos recuperados e 29 vítimas fatais.

Em relação à vacinação, até o dia 16 de junho, o Brasil possuía 81.540.602 doses aplicadas e 110.471.288 doses distribuídas para as unidades federativas, segundo dados do Ministério da Saúde. Do total de doses aplicadas, 57.676.179 são da primeira dose do imunizante e 23.864.423 de segunda dose. Na Paraíba, até o dia 16 de junho, 1.507.591 doses foram aplicadas, sendo 1.037.198 de primeira dose e 470.393 de segunda dose. No município do Conde, cidade da qual a comunidade quilombola de Mituaçu faz parte, até o dia 05 de junho a vacinação seguia com 7.769 doses aplicadas, sendo 6.041 de primeira dose e 1.728 de segunda dose. Com relação à população quilombola, 1.101 foram vacinados na cidade e 6.503 em todo o estado da Paraíba, considerando primeira e segunda dose.

No dia 19 de junho de 2021, o Brasil alcançou a marca de 500 mil mortos em decorrência da covid-19. No mesmo dia, uma série de protestos e manifestações organizadas aconteceram em todo o país contra a gestão do presidente Jair Bolsonaro e o descaso frente ao combate à doença e a imunização da população.

2.3.1 Linha de frente: a arte imita a vida

Atuar na linha de frente da covid-19 é estar em contato primário com as vítimas e/ou casos suspeitos da doença, é se colocar em exposição em prol da sociedade que precisa da atividade que você exerce. Médicos, enfermeiros, seguranças, garis, cobradores, motoristas de ônibus, caixas de supermercado, jornalistas... Entendo todas essas profissões como linha de frente, em seus devidos aspectos, mas me atenho aqui ao enfrentamento direto da covid, à área da saúde. Minha primeira inspiração para a reportagem, e o trabalho de conclusão de curso (TCC) da graduação em Jornalismo, de maneira geral, surgiu através da ficção retratando a pandemia e seus impactos, como no exemplo de duas séries que acompanho e gosto muito: *Grey's Anatomy* e *This Is Us*. Na escolha do tema que iria abordar no TCC, tinha a certeza de que queria trazer a questão racial para a discussão, ainda que não tomasse o protagonismo do assunto. Entrando no processo de construção do trabalho em meio à pandemia da covid-19, à título de registro para a posterioridade, não poderia não abordar a temática, percebendo então a necessidade de encontrar algo que relacionasse as duas coisas e ainda tivesse afinidade para escrever de maneira mais tranquila.

A série *Grey's Anatomy* é uma produção estadunidense do gênero drama médico que é exibida há 17 anos no horário nobre da rede de televisão ABC. No ar desde 2005, o seriado aborda questões diversas usando um hospital de Seattle como principal pano de fundo das histórias. O foco da história é Meredith Grey, interpretada pela atriz Ellen Pompeo, acompanhando a trajetória dela de interna de Medicina (recém-formada) até a chefia da Cirurgia Geral. Ao longo dos episódios, assuntos como racismo, machismo, relacionamentos, sexualidade, doenças e a própria pandemia da covid-19 são debatidos entre os personagens e devolvem a discussão para a sociedade.

Em sua 17ª temporada, *Grey's* tem o enfoque macro na pandemia a partir da perspectiva dos médicos do Grey-Sloan Memorial Hospital e no micro em divergências de opiniões e na luta antirracista estadunidense que ganhou força após o caso George Floyd. O caso que chocou os EUA e o mundo aconteceu em maio de 2020, demonstrando quão forte é o racismo policial vivido pela população negra no país em questão. George Perry Floyd foi assassinado pelo policial Derek Michael Chauvin por estrangulamento – o policial ajoelhou no pescoço da vítima. A última frase dita por Floyd, “I can’t breathe” (“Eu não consigo respirar”, em português), marcou uma série de movimentos antirracistas nos Estados Unidos e no mundo, principalmente devido ao fato de que os negros são a população que mais morre vítima da covid-19, doença que dentre seus sintomas está a falta de ar. Em julgamento no dia 20 de abril de 2021, o policial Chauvin foi condenado pela Justiça dos Estados Unidos pelo crime cometido.

Os personagens médicos que são negros, como Miranda Bailey, interpretada pela atriz Chandra Wilson; Richard Webber, interpretado pelo ator James Pickens Jr; Maggie Pierce, interpretada pela atriz Kelly McCreary; e Jackson Avery, que foi interpretado pelo ator Jesse Williams até o dia 20 de maio deste ano, estão constantemente levantando as problemáticas raciais que passam despercebidas aos olhos dos outros profissionais da série, que são brancos. De certo, a preocupação do seriado estadunidense em trazer não só representatividade junto aos seus personagens (e elenco), mas também levantar discussões pertinentes a questões de raça se dá em razão da criadora, roteirista e produtora da série, Shonda Rhimes, ser uma afro-americana. Inclusive, com relação à violência policial, os protestos de George Floyd e a narrativa que decorre do acontecimento não são a primeira vez que a série traz a temática. No episódio 14 da temporada 10 de *Grey's Anatomy*, a médica Miranda Bailey atende o caso de um adolescente negro que foi vítima de “bala perdida”. Mãe de um menino negro de 13 anos,

Bailey chega em casa e tem uma conversa com seu filho, explicando como se portar em uma abordagem policial.

O diálogo entre eles não tem a finalidade de introduzir a sexualidade no campo de aconselhamento dos pais, mas a violência policial. Com isso, *Grey's Anatomy* mostra a diferenciação existente entre a criação de um menino negro e a de um branco, onde a chegada da juventude - período pelo qual Tucker está passando - implica em mais do que o início da puberdade, mas no status de alvo em potencial que jovens negros adquirem ao alcançarem certa idade (SOUZA; AZEVEDO, 2019, p. 10-11).

A construção de narrativa apresentada em *Grey's Anatomy* é um marco na questão da diversidade televisiva, devido ao fato de que Rhimes se pôs contra a manutenção da supremacia branca nas produções da TV norte-americana. Em seu livro best-seller, “O ano em que eu disse sim: como dançar, ficar ao sol e ser a sua própria pessoa”, a produtora destaca o objetivo principal de seu trabalho.

Quando criei minha primeira série, fiz algo que senti ser perfeitamente normal: no século XXI, fiz o mundo da televisão parecer o mundo real. Eu o enchi de gente de todas as cores, todos os gêneros, todos os passados e todas as orientações sexuais. Então fiz a coisa mais óbvia possível: Escrevi todos eles como se fossem... pessoas. Pessoas negras levam vidas tridimensionais, têm histórias de amor e não são coadjuvantes engraçadas, clichês ou criminosas. Mulheres são heroínas, vilãs, valentonas, são os cachorros grandes. Isso — ouvi diversas vezes — era pioneiro e corajoso. (RHIMES, 2016, p. 124)

Conforme objetivou Rhimes (2016), a quebra da produção de imagens e discursos pertinentes a uma população majoritariamente branca se põe como essencial na inclusão de pessoas negras e na visibilidade desse público. A autora Bell Hooks (2019) reforça que “controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” e é por isso que o que Shonda Rhimes fez com *Grey's Anatomy* e suas outras séries (*Scandal* e *How To Get Away with Murder*) foi tão importante. E abriu caminho para outras produções, como o caso de *This Is Us*.

Retomando à temporada 17 do seriado *Grey's Anatomy*, o enfoque na pandemia traz questionamentos sobre a quantidade de pessoas negras que morrem em comparação às pessoas brancas; a vulnerabilidade dos corpos negros femininos frente à sociedade e também a violência policial sofrida por pessoas negras, para além de George Floyd. Foram todas essas questões apontadas pelo episódio que me fizeram perceber a necessidade de retratar a raça dentro do contexto da pandemia. Entretanto, na contramão dos levantamentos feitos por *Grey's Anatomy* e mais alinhada ao propósito em si da série, decidi falar sobre as pessoas negras, no meu caso específico de mulheres quilombolas, no enfrentamento à covid-19 enquanto profissionais da saúde. Fui em busca das Mirandas Baileys e Maggies Pierces da

vida real, encontrei Sandra da Paz, Mônica de Sousa e Marinalda da Silva em Mituaçu, no município do Conde, na Paraíba.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Como defende Andrade (2020): “A fase inicial de qualquer reportagem começa na pauta. Antes de despejar o texto no papel, é preciso saber o que será escrito”. Entretanto, minha relação com a reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB” teve início de forma diferente. No processo de decisão da temática para o trabalho de conclusão de curso, eu só tinha duas certezas: queria falar sobre séries e queria trazer a questão racial. No começo de 2020, a ideia girava em torno de debater os discursos raciais e os estigmas sociais apontados em séries televisivas norte-americanas, como *This Is Us* e *Grey’s Anatomy*, e a professora doutora Marluce Pereira me auxiliava na construção de uma monografia que abordasse este assunto. Com a pandemia da covid-19, recebi a orientação – e também tive o desejo – de registrar esse momento da História sob a minha perspectiva através da pesquisa proposta e, bem como as séries estavam retratando, recortamos os discursos dos seriados para os contextos do novo coronavírus e do movimento Black Lives Matter que retomava força nos Estados Unidos e nas produções.

Foi na ânsia de falar sobre tais coisas, que me identifiquei mais com a linguagem da reportagem do que da monografia para explorar as ideias, e durante essa readaptação do tema, precisei trocar de orientadora. Apesar de já recuperada, a professora Marluce Pereira foi acometida da covid-19 e precisou se afastar das atividades. A professora doutora Zulmira Nóbrega assumiu a orientação e me auxiliou a me encontrar na temática. Mas, como Marluce Pereira já tinha, de maneira muito perspicaz, me avisado: o corpus da pesquisa que se apresenta e diz como quer ser explorado.

A primeira ideia para a reportagem pretendia contar a história de uma família negra que tinha perdido um ente querido para a covid-19 e, a partir destes, apresentar a dor de toda uma população que é, majoritariamente, mais afetada pelo novo coronavírus. Em contato inicial com a professora do Observatório de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, Patrícia Pinheiro, feito no dia 06 de abril de 2021, ela me explicou as dificuldades implicadas no tema proposto e apontou um novo caminho: os impactos da covid-19 na comunidade quilombola de Mituaçu, no Conde, a partir da perspectiva das mulheres em linha de frente. E, sendo assim, o corpus se apresentou a mim: *“por que não contar a história dessas mulheres?”* Surgiu o embrião da reportagem – a pauta.

No dia 28 de abril de 2021 entrei em contato pela primeira vez com minhas personagens. Juntas, conversamos e pensamos qual seria a melhor forma – e mais segura – de nos encontrarmos para desenvolver a ideia. Ao explicar meu objetivo para o TCC, as três mulheres se colocaram à disposição para nos receber [aluna e orientadora] em Mituaçu.

3.2 PRODUÇÃO

A primeira visita aconteceu no dia 20 de maio de 2021. Acompanhada de minha orientadora, Zulmira Nóbrega, fui até Mituaçu, no município do Conde, na Paraíba e lá conversei com Sandra da Paz, Mônica de Sousa e Marinalda da Silva, em campo aberto próximo à Unidade Básica de Saúde de Mituaçu. Para captar a entrevista, utilizei meu celular, um Xiaomi Note 7 Pro, munida também de um caderno e caneta para fazer anotações. Além disso, para fazer as fotos do local, utilizei, além do celular, uma câmera fotográfica da marca Canon.

Por diversos momentos, até a entrevista feita presencialmente com essas mulheres, eu tive receio sobre o tema escolhido e sentia medo de que o material não fluísse, me obrigando a repensar, mais uma vez, todo o trabalho. Entretanto, ao conversar com Sandra, Mônica e Marinalda, senti que estava exatamente onde deveria estar. A história delas no enfrentamento da covid-19 era a história que precisava me encontrar [e eu encontrá-la] para ser contada; era a perspectiva da pandemia que eu queria dar visibilidade.

Ao longo da entrevista, além da captação de áudio, usei um caderno pequeno para acompanhar a conversa fazendo anotações sobre o que era falado, a fim de me guiar e também facilitar a transcrição do material depois. Usando meu notebook, da marca Dell, e o Google Docs, editor de texto online, comecei a escrever a reportagem e desenvolver as ideias. Comecei a escrever o esboço da reportagem no dia 22 de maio de 2021. Nesse dia, consegui produzir os primeiros parágrafos do texto, introduzindo as personagens da história a ser contada. Porém, enfrentei um bloqueio criativo durante alguns dias e só retomei a escrita no dia 9 de junho de 2021, finalizando o primeiro material da reportagem. A primeira escrita sofreu algumas mudanças após a correção junto a professora orientadora a fim de refinar o material. A versão final da reportagem ficou pronta no dia 17 de junho de 2021.

O formato em que a reportagem se dividiu surgiu através da própria dinâmica do material. Além disso, como gosto de trabalhar com referências, busquei encontrar músicas e frases que encaixavam no contexto para aumentar a pluralidade do conteúdo. Foi o caso da

introdução do texto e também do parágrafo de encerramento, que os assuntos me remeteram a duas músicas de artistas distintos que admiro.

No caso da abertura, a música Minha Joia foi lançada em 2011, no álbum Alegria Compartilhada, da banda carioca Forfun. A banda, que chegou ao fim em 2014, era composta de quatro integrantes: Danilo Cutrim, Vitor Isensee, Nicolas Christ e Rodrigo Costa, que se dividiam entre bateria, baixo, guitarra, vocal e teclado. A canção fala sobre um cuidado e um afeto que me remeteu, de imediato, à história que escrevia sobre as mulheres em Mituaçu. Por fim, no encerramento da reportagem, as vivências e os entendimentos de Sandra, Mônica e Marinalda sobre racismo e empoderamento negro me resgataram na memória a música Bigger, da cantora estadunidense Beyoncé. A música foi lançada em 2019 e faz parte da trilha sonora do filme em live-action Rei Leão, criado pelo Walt Disney Studios.

A reportagem é dividida na apresentação das personagens; logo em seguida vem o intertítulo “Afeto, amparo, carinho e calor” trazendo as questões sobre os cuidados enquanto profissionais e os desafios da pandemia no exercício do enfrentamento na comunidade de Mituaçu; a parte seguinte é intitulada de “Quem cuida de quem cuida?” buscando respostas acerca de como essas mulheres cuidam de si mesmas diante do cotidiano enquanto profissionais, esposas, mães e filhas; e a última parte, “A raiz e árvore”, levanta a questão racial, a consciência do racismo e a compreensão do mundo enquanto mulheres negras.

Para compor a reportagem com diversidade de elementos, o material fotográfico utilizado passou por processo de edição por meio do Adobe Photoshop 2020 para computador e do Adobe Lightroom Mobile, que é a versão do editor em aplicativo para celular. Além dos ajustes de curva, brilho e contraste, usei algumas pré-definições de cor e luz (que funcionam como os conhecidos filtros ou presets) para editar as imagens. O material em áudio disponibilizado em alguns trechos da reportagem foi captado in loco, durante a visita feita à Mituaçu, e foi editado através do programa Audacity de edição de som.

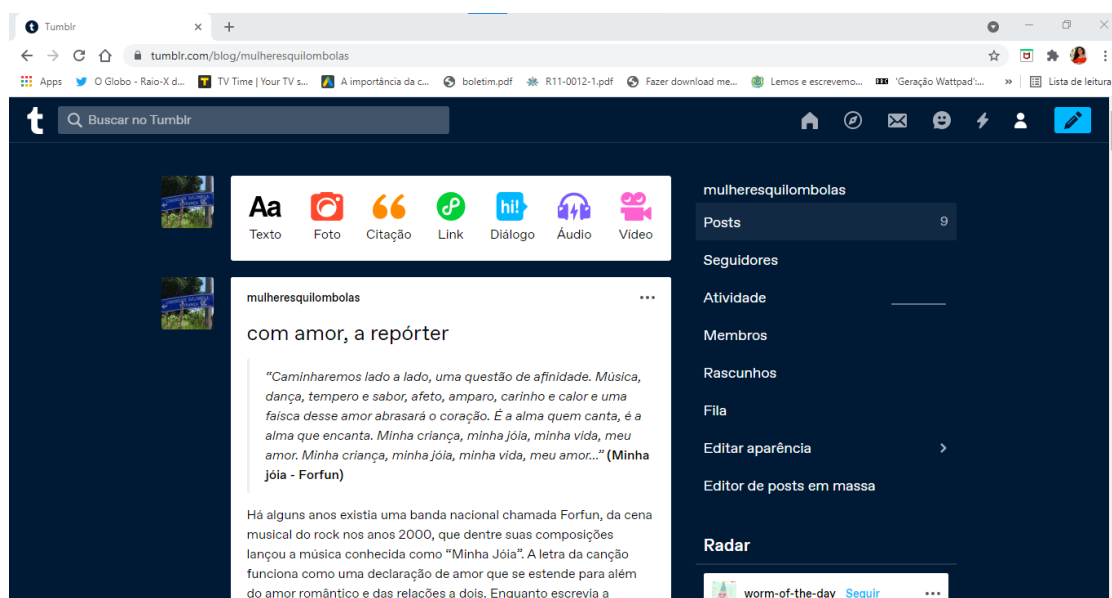
3.3 PÓS-PRODUÇÃO

A escolha da plataforma em que o material seria disponibilizado foi complicada, visto que eu buscava algo que conseguisse modificar o visual e que não tivesse um domínio poluído. O Tumblr é uma plataforma do tipo blog ou microblog que possibilita incorporar texto, áudio, links, vídeos, citações e até mesmo um design específico para diálogos. A rede

social foi criada em 2007 por David Karp e com a queda do orkut em meados de 2009, o site se popularizou, principalmente entre os adolescentes.

Optei pelo Tumblr porque por muito tempo fui usuária assídua dele e isso me possibilitou aprender como mexer com o html utilizado nos temas do site, dentre outras características da plataforma. A familiaridade com o site que por muito tempo foi refúgio para mim, inclusive sendo o primeiro lugar no qual publiquei escritos autorais, me fez buscá-lo para hospedar a reportagem de conclusão da graduação de Jornalismo. Temi que a experiência com o TCC fosse desgastante e estressante, então me antecipei em pensar temáticas e formatos que me trouxessem algum conforto, foi assim no desejo de trabalhar com raça e ideais vindos de séries televisivas, e também foi assim na escolha da plataforma. Estar familiarizada com os aspectos me evitou possíveis transtornos e dificuldades no manuseio do material no site.

Figura 2: Parte interna do site na plataforma Tumblr com os primeiros rascunhos da reportagem



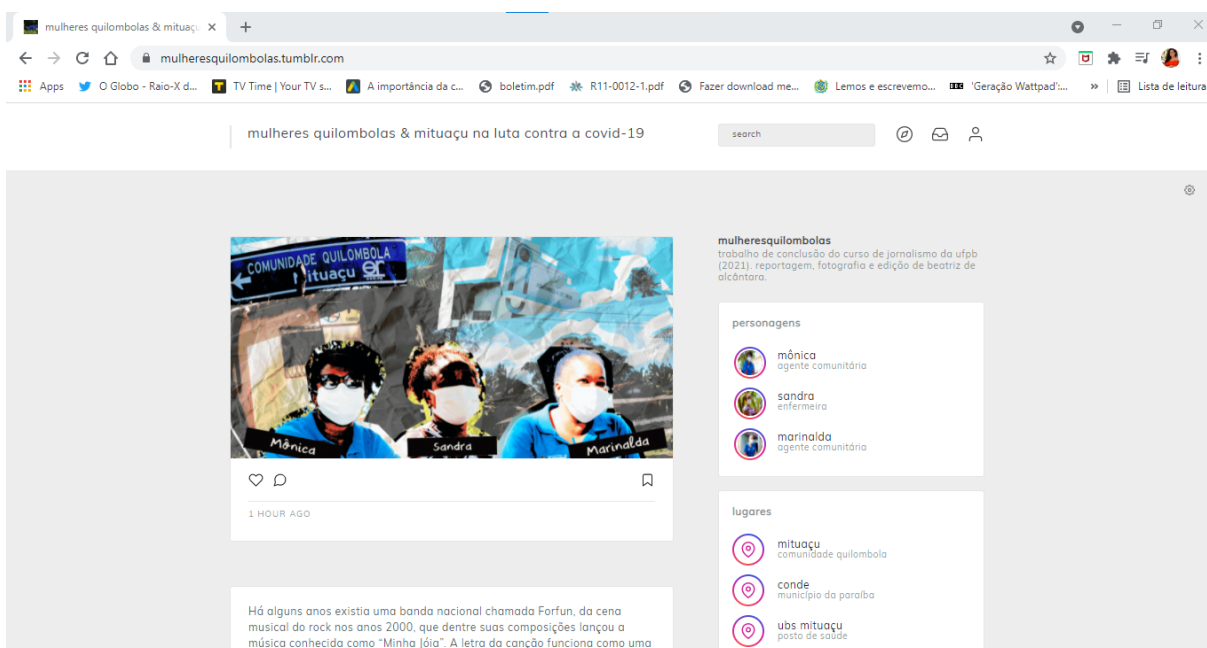
Fonte: Tumblr/reprodução¹³

A estruturação da reportagem no site priorizou a experiência de leitura de cima para baixo. Logo, as primeiras partes publicadas foram as partes finais do texto, bem como a última parte postada foi a introdução. Entre cada um dos blocos de texto, subdivididos com os intertítulos apresentados anteriormente, escolhi colocar uma pequena galeria para reforçar a ambientação da reportagem ao leitor, provocando mais ainda a experiência imersiva em Mituaçu. O Tumblr possibilita incorporar áudio de plataformas em streaming, como o Spotify,

¹³ <https://tumblr.com/>

direto em sua estrutura, então foi assim que incluí as músicas que usei para inserir o leitor na sensação que eu desejava passar. Por fim, a inserção dos áudios e das demais imagens foram feitas usando as próprias ferramentas do Tumblr à medida que elas se apresentavam como necessárias na reportagem.

Figura 3: Página inicial do site em que a reportagem está hospedada

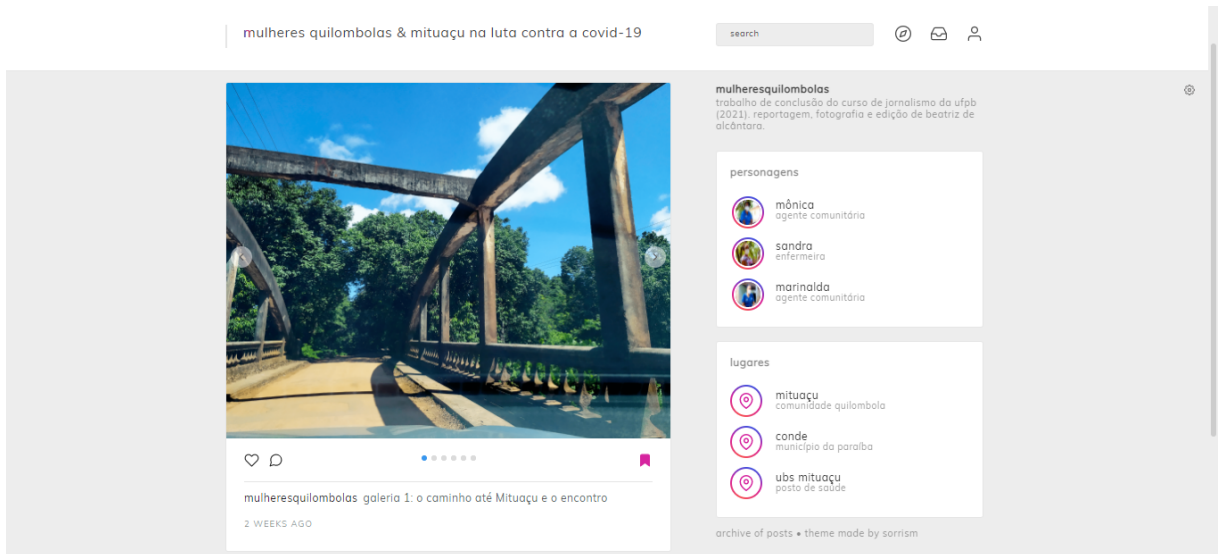


Fonte: reprodução/Tumblr¹⁴

O layout do site recria a página inicial, também conhecida como feed, individual do aplicativo Instagram. O objetivo é fazer com que a leitura seja fluida e contínua, intercalando apenas texto e imagem. O design é todo inspirado no Instagram, com os detalhes e cores estrategicamente pensados no app, como pode ser observado nas figuras 3 e 4. Além disso, decidi explorar os recursos do Tumblr ao inserir as músicas mencionadas na abertura e fechamento da reportagem, como demonstra a figura 5.

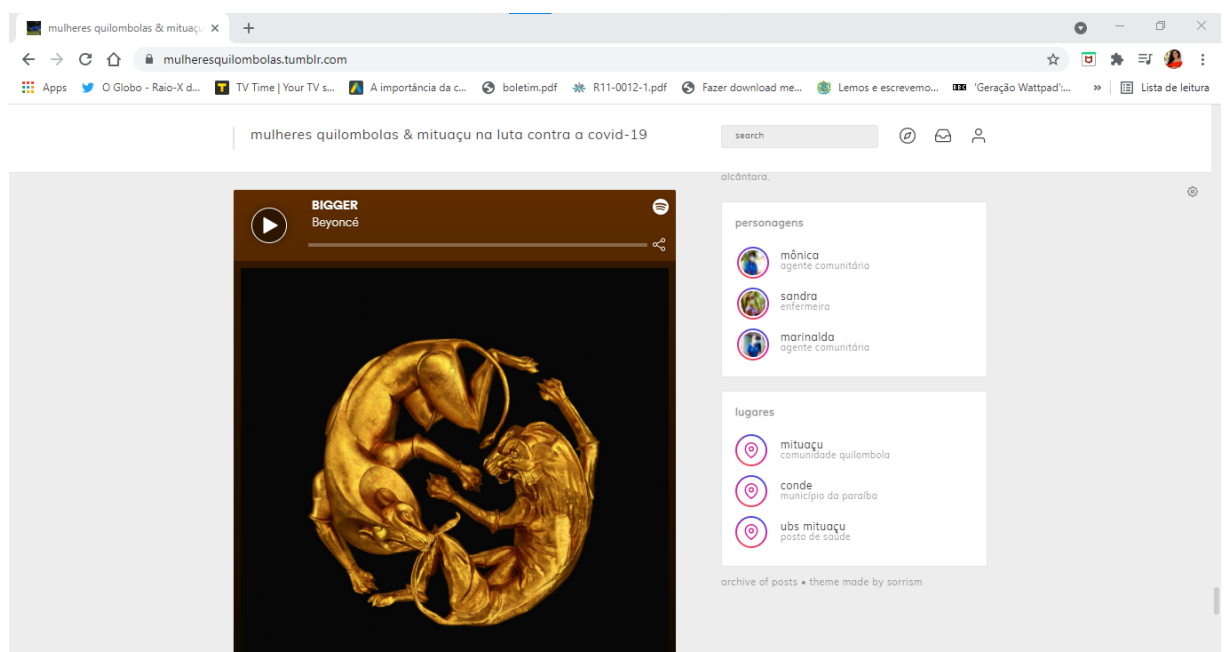
Figura 4: Design da galeria de imagens no site da reportagem

¹⁴ <https://mulheresquilombolas.tumblr.com/>



Fonte: reprodução/Tumblr¹⁵

Figura 5: Exemplo de música inserida no site



Fonte: reprodução/Tumblr¹⁶

O site está disponível no link <https://mulheresquilombolas.tumblr.com/> e pode ser acessado por qualquer pessoa, de qualquer lugar, necessitando apenas da conexão com a internet. O navegador com melhor visualização é o Google Chrome, mas, de qualquer forma, é possível abri-lo em outros, como Opera, Mozilla e Microsoft Edge.

¹⁵ <https://mulheresquilombolas.tumblr.com/>

¹⁶ <https://mulheresquilombolas.tumblr.com/>

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma canção do cantor de rap/hip-hop Emicida (Leandro de Oliveira), lançada no álbum dele intitulado *AmarElo* de 2019, que tem a seguinte estrofe: “Do fundo do meu coração, do mais profundo canto em meu interior, pro mundo em decomposição escrevo como quem manda cartas de amor”. O nome da música é *Cananéia, Iguape e Ilha Comprida* e ela sempre me emociona, pois me relembra um dos principais motivos pelo qual escrevo e das razões do porquê escolhi fazer Jornalismo. Sempre enxerguei a beleza do Jornalismo na possibilidade de contar histórias e, pessoalmente, essa é a minha maior motivação e encantamento com a profissão. Poder dar visibilidade e potencializar vozes de pessoas com experiências e vivências tão distintas e ainda assim potentes faz meu coração bater mais forte. Portanto, sempre soube que meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser diferente. Tentei buscar outros caminhos, como quando idealizei escrever uma monografia sobre discursos midiáticos ligados à raça. Entretanto, com ressalva às questões de saúde que permearam essa mudança, a arte de contar histórias deu um jeito de me encontrar e relembrar o porquê eu faço o que eu faço enquanto jornalista. Utilizando os conhecimentos adquiridos ao longo dos quatro anos dentro dos muros da UFPB e dos dois anos de experiência enquanto repórter estagiária no *Jornal A União*, o único jornal impresso vigente no Estado da Paraíba, encontrei na reportagem “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB” minha porta de saída da Universidade e de entrada na vida profissional.

Enquanto o país contabiliza mais de 500 mil mortos vítimas da covid-19, reafirmo a responsabilidade em não deixar de registrar a História enquanto a História está acontecendo. Por compreender que o papel do jornalista é passar informação e contribuir socialmente com a objetividade dos fatos, aproveito o meu trabalho de conclusão para deixar constar os fatos que vivenciamos. Como mencionado ao longo dos capítulos do presente relatório, a reportagem sobre as mulheres quilombolas de Mituaçu que trabalham na linha de frente do combate à covid-19 é uma soma de diversas paixões e ideais que carrego comigo, tanto os que aprendi dentro de casa, quanto os que desenvolvi nas experiências com o mundo. Entender o Jornalismo como essa potência de contar histórias e poder usar isso a favor de pautas que considero importantes é parte do legado que quero construir e deixar para as futuras gerações, em algum momento. Existe uma compreensão de um ciclo de força e ancestralidade com relação à negritude que me “puxa” sempre para defender suas pautas com afinco: se hoje posso pesquisar e escrever sobre qualquer assunto que seja, no caso aqui das mulheres negras,

é porque outras tantas mulheres negras lutaram incansavelmente para que eu tivesse direito a esse espaço. Sendo assim, para que futuramente outras meninas e mulheres negras possam se inspirar para fazer o que acreditam com mais espaço ainda e demais liberdades, senti que precisava registrar o que as mulheres quilombolas de Mituaçu fizeram durante a pandemia da covid-19 – mas sem apagar quem elas são para além das profissionais.

Por conta das limitações da própria pandemia, não foi possível realizar mais visitas à Mituaçu ou estender a experiência em outros encontros e afetos. Contudo, acredito no potencial do material produzido, porque apesar de ter sido idealizado por mim, ele foi construído coletivamente com uma rede de apoio que surge desde antes da definição da pauta até o momento de colocar o ponto final neste relatório. Posso ser a responsável pelas palavras postas na reportagem, mas isso só foi possível porque outras pessoas acreditaram na possibilidade que apresentei e confiaram em mim para contar suas histórias. Essa confiança retoma o que Brum (2017) compreende como reportagem: uma relação de confiança entre a fonte e o repórter. Ou seja, essa reportagem não seria possível sem a (repórt)er, mas menos ainda sem as person(agens).

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapoava: Intercom, 2008.

ANDRADE, L. E. M. D. **Relatório da reportagem multiplataforma à luz do Jornalismo Literário: Os guardiões da Igreja de São Francisco**. Periódicos UFPB, João Pessoa, jun./2020. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/arquivos/LUSEDUARDOMEIRADEANDRADE.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2021.

BOAS, Sergio Villas. **O estilo magazine: O texto em revista**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 7-129.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017. p. 9-373.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **“A identidade negra e quilombola entre os moradores (as) de Mituaçu: Conde–PB.”** XXV Simpósio Nacional de História. História e ética. Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2009.

COUTO, Matheus. **JP Invisível**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2PvkvBBGBO/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE. **Verbete: REPORTAGEM**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/reportagem/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

FERNANDES, Mario Luiz. **A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade**. REGIOCOM, Araçatuba, p. 1-17, jun./2004. Disponível em: <http://www.portaldemidia.ufms.br/wp-content/uploads/2016/02/a-forca-da-noticia-local.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

GOVERNO DA PARAÍBA. **Painel de vacinação**. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/painel-de-vacinacao>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2019. p. 1-356.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 9-428.

LENZI, Alexandre. **Multimídiação como Valor-Notícia de Construção: A Experiência do UOL TAB**. ÂNCORA, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 159-174, mar./2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/299543141_Multimidiação_como_Vvalor-Notícia_de_Construção_A_Experiência_do_UOL_TAB. Acesso em: 19 jun. 2021.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online: Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Brazilian Journalism Research: Journalism theory, research and criticism, Brasília, v. 11, n. 1, p. 110-127, jun./2015.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: Narrativa e cotidiano. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 9-150.

MEMÓRIA GLOBO. **Escândalo Watergate**. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/escandalo-watergate/>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. 2003. 246f. Diss. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2003.

OBSERVATÓRIO ANTROPOLÓGICO. **Quilombos na Paraíba**. Disponível em: <https://www.observantropologia.com/conde>. Acesso em: 30 mai. 2021.

PAULUS, Daniel; LÜERSEN, Angélica. **Longform Journalism e o processo de produção da reportagem “As Quatro Estações de Iracema e Dirceu”**. Leituras do Jornalismo, Bauru, SP, v. 1, n. 7, p. 1-15, jun./2017. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/118/93>. Acesso em: 22 mai. 2021.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CONDE. **História da cidade**. Disponível em: <https://conde.pb.gov.br/portal/a-cidade/historia>. Acesso em: 31 mai. 2021.

REIS, João José; GOMES, F. D. S. **Liberdade por um fio**: História dos quilombos no Brasil. 1. ed. São Paulo: Grupo Companhia das Letras, 1996. p. 1-512.

REVI DIGITAL. **Daniel Tozzi conta a história do UOL Tab**. Disponível em: <http://revidigital.com.br/daniel-tozzi-conta-a-historia-do-uol-tab/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

REVISTA GALILEU. **Mulheres negras e Covid-19: estudo de Harvard expõe dados alarmantes**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/04/mulheres-negras-e-covid-19-estudo-de-harvard-expoe-dados-alarmantes.html>. Acesso em: 2 jun. 2021.

REVISTA GLAMOUR. **Linha do tempo da Covid-19: os principais fatos da pandemia no Brasil**. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Beleza/Saude/noticia/2021/03/linha-do-tempo-da-covid-19-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil.html>. Acesso em: 31 mai. 2021.

RHIMES, Shonda. **O ano em que disse sim**: Como dançar, ficar ao sol e ser a sua própria pessoa. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016. p. 1-331.

RODRIGUES, Fábio. **Características que sustentam as reportagens longform na internet.** Pós em Revista, Vitória, v. 1, n. 1, p. 141-156, dez./2018. Disponível em: <https://periodicos.uniuv.edu.br/posemrevista/article/view/413/299>. Acesso em: 30 mai. 2021.

SALAVERRÍA, Ramón. **"Periodismo en 2014: balance y tendencias."** Cuadernos de periodistas 29 (2015): 9-22.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** Notas sobre a narrativa jornalística. 3. ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 9-141.

SOUZA, R. P. C; AZEVEDO, Júlio Arantes. **O Impacto do Black Lives Matter na Inversão de Regimes de Representação do Jovem Negro em Narrativas Seriadadas.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Luís, v. 1, n. 11, p. 1-15, jun./2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0547-1.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2021.

THE INTERCEPT BRASIL. **COMO E POR QUE O INTERCEPT ESTÁ PUBLICANDO CHATS PRIVADOS SOBRE A LAVA JATO E SERGIO MORO** . Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

THE WASHINGTON POST. **FBI Finds Nixon Aides Sabotaged Democrats by Carl Bernstein and Bob Woodward** Washington Post Staff Writers. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/wp-srv/metro/pdf/101072.pdf> . Acesso em: 22 mai. 2021.

TOEBE, Sharyel Barbosa; PEREZ, Karine Vanessa. **Cuidar: um verbo feminino?: Atravessamentos de gênero no cuidado e acolhimento em saúde.** VI Jornada de Pesquisa em Psicologia, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 1-10, set./2017. Disponível em: https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/view/17651/4529. Acesso em: 1 jun. 2021.

UNINABUCO. **Cinco reportagens que marcaram a história do jornalismo e do mundo.** Disponível em: <http://www.joaquimnabuco.edu.br/noticias/cinco-reportagens-que-marcaram-historia-do-jornalismo-e-do-mundo>. Acesso em: 19 mai. 2021.

UOL TAB. **O ANO SEM ADEUS.** Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/rituais-de-despedida/#cover>. Acesso em: 23 mai. 2021.

APÊNDICE A – A pauta da reportagem

Repórter: Beatriz de Alcântara

Retranca: Quilombolas / linha de frente

Proposta: A ideia é entrevistar mulheres quilombolas que estão atuando na linha de frente da covid-19 na comunidade em que residem e entender melhor como funciona o trabalho, além de ressaltar suas histórias de vida e como optaram pela área da saúde.

Encaminhamentos: A repórter deve conversar com as personagens, se possível in loco, para entender a dinâmica do dia a dia do trabalho na Unidade Básica de Saúde da comunidade quilombola de Mituaçu; a formação e o porquê da escolha profissional dessas mulheres.

Informações: Sandra, Mônica e Marinalda trabalham há cerca de 20 anos na saúde básica da comunidade de Mituaçu, localizada no Conde, na Paraíba. Sandra é enfermeira e as outras duas, Mônica e Marinalda, são agentes comunitárias de saúde.

Roteiro: Entrevista e fotografias no dia 20 de maio, às 13h, em Mituaçu. Saída de João Pessoa às 11h.

Sugestões de perguntas:

- Nomes completos, idades, estados civis
- Tem filhos?
- Nasceram em Mituaçu?
- Por que decidiram trabalhar na área da saúde?
- Como se sentiram com a chegada da pandemia?
- Qual tem sido a maior dificuldade?
- O que motiva a continuar trabalhando?
- Existe alguma situação marcante?
- Quem cuida de quem cuida?
- Como a questão racial afeta vocês? Já passaram por uma situação de racismo?

APÊNDICE B – A reportagem

Introdução | site

Há alguns anos existia uma banda nacional chamada Forfun, da cena musical do rock nos anos 2000, que dentre suas composições lançou a música conhecida como “Minha Jóia”. A letra da canção funciona como uma declaração de amor que se estende para além do amor romântico e das relações a dois. Enquanto escrevia a reportagem a seguir, pondo em texto as palavras sobre acolhimento e cuidado que as mulheres quilombolas de Mituaçu que estão na linha de frente da covid-19 me passaram, lembrei da música. Acho que estou destinada a ser marcada, em diversos momentos da vida, pelas letras de Forfun. Então, te convido a dar play na música e viajar comigo no texto abaixo.

“Caminharemos lado a lado, uma questão de afinidade. Música, dança, tempero e sabor, afeto, amparo, carinho e calor e uma faísca desse amor abrasará o coração. É a alma quem canta, é a alma que encanta. Minha criança, minha jóia, minha vida, meu amor. Minha criança, minha jóia, minha vida, meu amor...” (Minha jóia - Forfun)

[player da música]

Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB

O sorriso escondido por trás da máscara ganha vida através do som da gargalhada e do brilho nos olhos que não cessa enquanto fala sobre a terra em que nasceu e cresceu, mesmo ao mencionar o turbulento e novo coronavírus e todas as mudanças que vieram com ele. Sandra de Sousa da Paz atua no exercício da Enfermagem, seja como técnica ou como enfermeira, há mais de 20 anos – que preenchem os 46 anos de idade. Ela encontrou na profissão uma forma de retribuir com carinho e cuidado a gratidão que sente pelo seu lugar e seu povo: a comunidade quilombola de Mituaçu, localizada no Conde, na Região Metropolitana de João Pessoa, com mais de mil habitantes. A localidade é a verdadeira protagonista da história de vida desta profissional da área da saúde que desde março de 2020 se vê no enfrentamento da covid-19, a doença desconhecida que nos afastou fisicamente e mudou de forma drástica a realidade que conhecíamos.

No início da pandemia na Paraíba, ainda no ano passado, Sandra estava trabalhando como enfermeira à frente dos cuidados na Unidade Básica de Saúde (UBS) da comunidade de Mituaçu. Foi lá o primeiro contato com a realidade que viria pela frente, mas apesar do receio com o desconhecido, a profissional da saúde ergueu as mangas, vestiu o jaleco e se colocou na linha de frente do combate à doença, oferecendo cuidado e acolhimento diante de um momento tão incerto. Nessa batalha, ela não estava sozinha.

Agentes comunitárias de saúde há quase 20 anos, as primas Marinalda da Silva e Mônica de Sousa também estavam – e estão – no combate à covid-19 desde o início. Lidando diariamente com as dores e as delícias da profissão na área da saúde, elas seguem se apoiando e cuidando dos seus dentro da comunidade, transbordando a mesma gratidão e carinho que Sandra demonstra ao falar do local. As três trabalharam juntas por 3 anos na UBS de Mituaçu até que, após a mudança de gestão na Prefeitura Municipal do Conde em janeiro de 2021, Sandra, que era prestadora de serviço contratada, foi demitida. Ao lembrar da transição entre as gestões municipais, as amigas relembram da mobilização que houve em prol da permanência de Sandra na UBS. Infelizmente, mesmo com campanhas nas redes sociais intensificadas por projetos apoiadores de Mituaçu e o desejo da comunidade de que ela ficasse, isso não foi possível.

Afeto, amparo, carinho e calor

O trabalho de Sandra vai além da Enfermagem. Acima de tudo, sua atuação se tornou um símbolo de resistência e representatividade, por ser uma mulher quilombola cuidando dos pacientes de sua comunidade, ciente das especificidades que a população negra carrega em seu DNA, como por exemplo miomas e anemia falciforme. Mais do que isso, disposta a brigar pelos direitos e as necessidades que enxergava no seu povo. O trabalho na Unidade não parou, mas a saudade da enfermeira-amiga é perceptível, principalmente no fato de que muitas pessoas da comunidade seguem procurando pelo atendimento de Sandra – e o *plus* que só ela sabe oferecer.

A enfermeira solta algumas risadas enquanto recosta na cadeira branca de plástico que fecha nosso círculo de conversa embaixo de uma mangueira vistosa. Mais uma vez, a máscara que nos protege do vírus esconde o sorriso largo dela, contudo isso não a deixa menos contagiante. Sandra é alto astral. É alegria mesmo nas adversidades. Enquanto conversávamos, mesmo que a covid-19 fosse assunto em pauta, por dois segundos era possível esquecer do caos provocado pela pandemia e sermos apenas desconhecidas se

tornando conhecidas. Mituaçu tem essa energia, de te “roubar” do mundo real e levar a um lugar acolhedor, receptivo e cuidadoso. Sandra, Marinalda e Mônica carregam a mesma energia. Deve estar no sangue. Deve ser a terra.

O fator acolhimento é uma das principais motivações das três profissionais para seguirem fazendo o que fazem. Com relação à Sandra, retomando o assunto, é justamente sua escuta afetiva que mantém a comunidade a confiar em seus cuidados, porque além de cura física, ela oferece cura para a alma com uns bons minutos de conversa.

E essa receita da escuta atenciosa é quase que oficial da UBS de Mituaçu. Marinalda comenta que essa talvez seja a maior saudade da rotina de dias normais, antes da pandemia, durante o trabalho. A parte difícil é a distância, estar longe mesmo estando perto e precisar, não só se adaptar, mas ensinar àqueles acostumados com esse cuidado de perto. “Quando eu comecei a trabalhar como agente comunitária, eu conheci a minha comunidade. Antes disso, eu só achava que eu conhecia. Me chocou muito a realidade das famílias, mas me apaixonei pelo meu trabalho. (...) O mais doloroso é o óbito. A gente faz o acompanhamento das pessoas e a gente se apega, quando acontece, é como perder alguém da família. Agora, neste momento, não poder abraçar, entrar nas casas, esse distanciamento, tem sido muito difícil”, contou a agente comunitária Marinalda.

O lugar de “portadoras de más notícias” também se estende além do óbito, quando há dificuldade por parte da população em entender a ordem de prioridade da vacinação dentro do Plano Nacional de Imunização (PNI), por exemplo. A vacinação dos quilombolas teve início na comunidade no dia 2 de março de 2021 e, desde então, mais de 400 remanescentes, entre adultos e idosos, já foram vacinados. No direito à imunização, os quilombolas fazem parte do grupo prioritário estabelecido pelo PNI. Contudo, em casos subjetivos, a Associação de Quilombolas de Mituaçu, entidade responsável por realizar o controle dos quilombolas nativos da comunidade desde 1994, foi autorizada pelo Ministério da Saúde (assim como todas as entidades representantes de quilombolas do país) a emitir declarações que autorizem o recebimento da vacina.

A complexidade da questão pode causar inquietude em parte da população que, por não possuírem descendência quilombola mesmo sendo filhos de coração de Mituaçu, não podem receber o imunizante. Exemplo disso é Alexsandro da Silva, 37 anos, que morou em Mituaçu até os 31 anos, quando precisou sair da comunidade para trabalhar como porteiro na capital paraibana, no bairro de Manaíra.

Enquanto conversávamos à sombra da mangueira com as agentes comunitárias, Alessandro chegou. Pela terceira vez em um intervalo de poucos dias. A esperança de que algo mudasse nesse meio-tempo o fazia repetir o caminho do bairro Colinas do Sul até Mituaçu semanalmente. O semblante de frustração se delineia em pouco tempo, ao ouvir mais uma vez a negativa, visto que as funcionárias da UBS não podiam vaciná-lo sem a Declaração de Quilombola da Comunidade de Mituaçu expedida pela Associação.

“É a terceira vez que eu venho em Mituaçu pra tomar a vacina e não tomo. Eu, nascido e criado aqui, não posso tomar a vacina. Para você tomar uma vacina, tem que ter alguém que nem é da área da saúde, pra dizer se você é ou não é quilombola... A representação maior é o povo dentro da comunidade, a presidente da Associação é uma das pessoas que representa em algumas coisas. Eu não sou de risco, tenho 37 anos, mas eu trabalho com vidas, tenho contato direto com pessoas. Tenho risco enorme de contrair, sou nascido e criado na comunidade, e não sou considerado quilombola para tomar. Mas, eu tô vendo que tem pessoas vindo de fora, que nunca morou na comunidade, e tomou. Temos que priorizar a comunidade”, desabafou Alessandro na ocasião.

A questão apresentada por ele é uma exceção que precisa ser analisada junto à Associação. A situação me comoveu, ao mesmo tempo em que eu entendia melhor (mais racionalmente do que emocionalmente) a burocracia envolvida no PNI. Infelizmente, 20 de maio de 2021 foi mais um dia que Alessandro saiu de Mituaçu sem receber a vacina. À posteriori, perguntei à Marinalda se ele conseguiu se vacinar, mas a agente comunitária informou que ele não voltou mais ao posto de saúde.

Por outro lado, existem algumas pessoas dentro da comunidade que temem a vacina devido às reações que podem acontecer após a aplicação do imunizante. Na família de Marinalda, por exemplo, ela conta que algumas irmãs tiveram receio de ir se vacinar por estarem amamentando, por terem varizes, dentre outras justificativas. Segundo a agente comunitária, as irmãs estavam aguardando chegar uma vacina de fabricante diferente da AstraZeneca, porém afirmavam que, caso não chegasse, iriam tomar. Até o dia da nossa visita, apenas a mãe de Marinalda havia tomado o imunizante, depois de muita insistência.

“Enquanto alguns quilombolas não querem tomar a vacina, outros querem a vacina e a gente não pode dar, porque não são quilombolas... Essa campanha de vacinação tá sendo uma experiência nova e difícil de compreender”, confessou Marinalda.

Quem cuida de quem cuida?

Sandra, que mora numa casa rosada próxima à entrada de Mituaçu, é filha de Maria Tereza Gomes de Souza e Severino Luiz da Paz, já falecido. Casada com Walter Luiz da Silva, tem um filho de 16 anos, chamado Daniel da Silva Junior. Possui cinco irmãs e foi a primeira a se formar, “quero fazer a diferença”, afirmou ela. Cresceu com a base no trabalho do roçado, seus pais viviam da pesca e da agricultura, atividades bem tradicionais em Mituaçu.

Mônica, casada com João Batista Silva dos Santos, também é mãe de Waléria Sousa da Silva, de 19 anos. A agente comunitária nasceu em uma família de 10 irmãos, com o pai, Marizon de Souza, um pescador, nos tempos em que ainda estava vivo, e sua mãe, Maria Aparecida Nascimento de Souza, sendo uma merendeira na escola local.

Marinalda possui uma família com 9 irmãos criados com base nos ensinamentos da igreja evangélica Assembleia de Deus. Mesmo sem filhos e sem ser casada, a agente comunitária divide o seu tempo entre o trabalho e o cuidado em casa com os pais, Marinaldo Francisco da Silva e Marly Feliciano da Silva, e os sobrinhos. Apesar de cada família ter sua própria casa, os terrenos são vizinhos e deixam todo mundo próximo, compartilhando o quintal de casa e a sombra da jaqueira.

Essas três mulheres possuem jornadas duplas e até mesmo triplas de trabalho, assim como a maioria das mulheres do Brasil e do mundo. Na correria cotidiana é difícil conciliar tantas tarefas – de mãe, de dona de casa, de profissional – e ainda lembrar de cuidar de si mesma. O autocuidado, essencial na vida de qualquer ser humano, é uma prática que por muito tempo, culturalmente, as mulheres foram ensinadas a ignorar. A prioridade é os filhos, o marido, a casa e, se sobrar tempo dentre as obrigações, “você pode se cuidar”. Ao mesmo tempo, há uma cobrança exacerbada e cruel com o visual das figuras femininas, que devem estar com cabelos arrumados, unhas feitas, ter o corpo padrão e tantos outros artifícios ligados à pressão estética. Em Mituaçu, ao que parece, ainda há esse espaço dos cuidados pessoais femininos. Sandra, Mônica e Marinalda me deram uma aula de autocuidado.

“Quem cuida de quem cuida?”, perguntei às três profissionais da saúde. “Afinal, sobra tempo para se cuidar?”, quis saber. De imediato elas me responderam sobre os cuidados que têm com a saúde, com consultas médicas, com os exames de rotinas e tratamentos médicos. Essa foi a minha lição do dia. Enquanto para elas pode ter soado como uma outra pessoa

cuidando delas, para mim se apresentou como autocuidado. Mas, o conceito de autocuidado se expandiu em nossa roda de conversa, e as grandiosas mulheres responderam, mesmo sem perceber, que elas se cuidam individualmente e coletivamente também.

O autocuidado, que há muito nos ensinam a postergar e em poucos anos começou a ganhar força para lembrarmos, é tratado com naturalidade por essas mulheres. Jogar futebol com o time da comunidade, participar de atividades culturais, um tempo juntas conversando, reuniões entre famílias, foram situações apontadas por elas enquanto rotina diária. Isso me remeteu a uma expressão muito utilizada na internet: “coração quentinho”, que traz essa ideia de reconforto, de acalento. Sandra, Mônica e Marinalda estão à frente do meu tempo e eu saí do nosso encontro grata por me tornar um ser humano melhor. Melhor com e para o mundo, mas acima de tudo, melhor com e para mim.

A raiz e a árvore

“A gente percebe pelo olhar”, disse Marinalda quando perguntei se elas já foram vítimas de racismo. O contexto até chegar na pergunta em questão comentava o caso do movimento Black Lives Matter (“Vidas Negras Importam”, em português) e o assassinato de George Floyd, vítima de violência policial em Minneapolis, nos Estados Unidos, no dia 25 de maio de 2020. As três contam que não lembram de nenhum caso escancarado de racismo vividos por elas, mas notam quando são observadas em lojas, por exemplo, como se representassem alguma ameaça.

Sandra acredita que hoje, ela e a maioria da população negra, é mais esclarecida e não se deixa abater frente ao racismo. “Somos mais seguros de si, existe um empoderamento negro”, enfatizou. “Aprendemos a ser o que somos, a enfrentar, a virar a página e a se valorizar. Na faculdade eu percebia mais [racismo], no começo foi mais difícil, até hoje existem algumas pessoas que não aceitam a própria comunidade, mas hoje cultivamos a aceitação, a resistência e incentivo a busca pela valorização do nosso povo”, completou a enfermeira.

A fala de Marinalda e Sandra toca em um lugar muito íntimo para mim, enquanto mulher negra. No momento em que conversávamos, também não lembrei de nenhum caso explícito de racismo que tenha sido vítima, mas, como elas, recordei situações de preconceitos velados que me machucaram e deixaram marcas. Percebemos que o mundo está mudando com relação aos direitos civis dos negros, que resulta da luta dos nossos ancestrais do

movimento negro, bem como os espaços futuros serão frutos dos caminhos que trilhamos no hoje. Essas mulheres me ensinaram muito sobre a vida, sobre negritude, sobre ancestralidade, mas também sobre futuro – sobre afrofuturismo.

Ainda há muito a ser enfrentado. Quando se fala em racismo, o corpo preto ainda é o principal alvo. Enquanto se luta de um lado contra a estrutura de todo um sistema racista, do outro luta-se contra a ameaça invisível que é o novo coronavírus. A vacina chega aos poucos. Até o dia 16 de junho de 2021, na Paraíba eram 1.037.198 pessoas vacinadas com a primeira dose do imunizante contra a covid-19 e 470.393 de pessoas que já haviam recebido a segunda dose. Somada às doses do imunizante, a população ganha também doses de esperança, mesmo na ausência de perspectiva junto ao Governo Federal por melhorias na crise sanitária, política, ambiental e econômica, e, como canta Lulu Santos, “assim caminha a humanidade, com passos de formiga”.

Mas, quanto a Mituaçu, bom... Com relação à luta contra o novo coronavírus, a vacinação segue acontecendo conforme o previsto pelo Plano Nacional de Imunização (PNI). Em contato com a Secretaria Municipal de Saúde do Conde, solicitei dados em relação à vacinação da comunidade, mas não obtive respostas. Entretanto, conforme os dados disponibilizados pela plataforma de monitoramento da vacinação do Ministério da Saúde, 1.101 quilombolas foram vacinados em todo o município do Conde e 6.503 em toda a Paraíba, considerando a primeira e a segunda dose contra a covid-19. Segundo dados oferecidos por Mônica, da UBS de Mituaçu, cerca de 400 pessoas foram imunizadas na comunidade, dentre quilombolas, idosos, pessoas com comorbidade e demais grupos prioritários preconizados no PNI.

Em relação às demais lutas, elas seguem de lá, nas vivências do cotidiano, e eu sigo daqui. Mais renovada e mais confiante depois do encontro transformador que essas três me proporcionaram. Em uma compreensão muito além da linha de frente da covid-19, mas das percepções enquanto uma mulher negra neste cenário. Por fim, com tantos trechos permeados de música até aqui nessa reportagem, as histórias de Sandra, Mônica e Marinalda me resgatam uma memória de mais uma canção de alguém tão semelhante e grandiosa quanto elas:

“Understand that truth 'bout that question in your soul. Look up, don't look down, then watch the answers unfold. Life is your birthright, they hid that in the fine print. Take the pen and rewrite it, step out your estimate. Step in your essence and know that you're excellent. Rise, the spirit is teachin'. No, I'm not just preachin', I'm takin' my own advice. If you feel

insignificant, you better think again, better wake up, because you're part of something way bigger. You're part of something way bigger. I'll be the roots, you be the tree pass on the fruit that was given to me, legacy, ah, we're part of something way bigger...” (Beyoncé – Bigger)

(Tradução: “Entenda a verdade sobre a questão em sua alma. Olhe para cima, não para baixo, e veja as respostas se revelarem. A vida é seu direito inato, eles escondem isso nas entrelinhas. Pegue essa caneta e reescreva, saia da sua estimativa. Entre na sua essência e saiba que você é excelente. Erga-se, erga-se, o espírito está ensinando. Não, não estou apenas pregando, estou tomando meu próprio conselho. Se você se sentir insignificante, é melhor pensar novamente, é melhor acordar, porque você é parte de algo muito maior. Você é parte de algo muito maior. Eu serei a raiz, você será a árvore passando a fruta que foi dada a mim, legado, ah, somos parte de algo muito maior...”)

[player da segunda música]



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: BEATRIZ BORGES AZEVEDO DE ALCÂNTARA

Matrícula: 20160101618

Título do Trabalho: Reportagem: “Mulheres atuam na linha de frente contra a covid-19 na comunidade quilombola Mituaçu, no Conde-PB”

Professor (a) orientador (a) Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dados nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 18 de julho de 2021

Beatriz Borges A. de Alcântara

Assinatura do (a) discente